

ELO

Associação dos Deficientes das Forças Armadas

Director: António Carreiro Ano XXIII Mensário, Julho 1997 Nº266 Preço 140\$00

• **Alemanha** Na maior feira internacional para profissionais de medicina, Düsseldorf espera receber, já no Outono, 200 mil visitantes.

página 4

• **Acupunctura** Terapia com agulhas explicada pelo responsável do novo serviço na clínica da ADFA.

página 11

• **Jantar** Um grupo de associados está a já a preparar um movimento para as próximas eleições da ADFA, no final do ano.

página 5

• **Solidariedade** Os valores e o espírito associativo lado-a-lado com o futuro dos deficientes militares.

página 12



PORTE PAGO

FARINHO LOPES



Ineficiência do Sistema de Saúde Militar obriga Associação a criar alternativas

Clínica ADFA: resposta à ruptura de serviços oficiais

A falta de um Sistema de Saúde Militar capaz de satisfazer as necessidades dos deficientes militares levou a Associação a criar uma alternativa aos actuais serviços de saúde das Forças Armadas. A funcionarem desde o início de Junho, os novos serviços médicos da ADFA representam a continuação de um projecto que há cerca de 18 anos deu os primeiros passos. Hoje,

basta um simples telefonema para que sócios, familiares e funcionários da Associação tenham ao seu dispor médicos e técnicos especializados em áreas que vão da Psiquiatria à Estomatologia. Apesar do já grande número de utentes, os responsáveis da ADFA acreditam que no futuro, com a divulgação da clínica, a adesão será ainda maior.

página 9

Concretizado acordo com Galp

página 16

Associação organiza acampamento para deficientes

O PRIMEIRO acampamento nacional para deficientes foi organizado pela Delegação da ADFA em Coimbra. A ideia contou com a participação da Associação para o Desenvolvimento e Formação Profissional de Miranda do Corvo, local onde se realizou o evento. Durante quatro dias, dezenas de campistas deficientes passearam, praticaram desporto, conviveram e, para o ano, prometem voltar.

página 6

Viúvas reúnem-se na Delegação do Porto

MAIS DE 30 viúvas de deficientes das Forças Armadas, oriundas de diversas zonas do norte do país, reuniram-se na Delegação da ADFA do Porto. O convite partiu das estagiárias do serviço social e teve como principal objectivo promover uma aproximação entre as mulheres de sócios falecidos e a Associação, além de esclarecer sobre questões como as pensões de preço de sangue.

página 7

Sócio da ADFA é instrutor de condução

EM SERPA há um deficiente das Forças Armadas, associado da ADFA, que lutou vários anos até conseguir alcançar o sonho de ser instrutor de condução automóvel. O esforço foi compensado e, actualmente, António Mesquita, apesar de amputado do pé esquerdo, está na profissão para ficar. Para trás ficam recordações de uma sociedade ainda com muitos preconceitos relativamente à deficiência.

página 13

Conselho Consultivo apresenta alterações à Lei

A situação dos deficientes em serviço e a constituição das juntas médicas da Caixa Geral de Aposentações são os assuntos que preenchem duas propostas de projectos de decreto-lei entregues à ADFA na terceira reunião do Conselho Consultivo, dia 18 de Junho. A Associação já pediu ao Ministério da Defesa uma reunião extraordinária do Conselho Consultivo a fim de dar o seu parecer sobre as propostas.

página 16

Ficha técnica

ELO

PROPRIEDADE

Associação dos Deficientes das Forças Armadas

ADMINISTRAÇÃO

E REDACÇÃO

Av. Padre Cruz - Edifício ADFA
1600 LISBOA
Telefone: (01)7570502
7570583 / 7570645 / 7570702
Fax: 7571319

DIRECTOR

António Carreiro

REDACÇÃO

Miguel Martins (editor),
Nuno Crespo, Sabina Xavier Pina,
Anabela Vieira (Porto)
Farinho Lopes (fotografia),
Maria José Carriço (secretariado)

COLABORADORES

Abel Fortuna, Armando Guedes da Fonte, Carlos Mendes, Carmo Vicente, Hugo Guerra, Jaime Ferreri, Jerónimo de Sousa, José Diniz, José Maia, José Monteiro, João Gonçalves, José Valente dos Santos, Lia Katali, Patuleia Mendes, Sâ Flores, Victor Sengo

CONCEPÇÃO GRÁFICA

Maquetagem

Miguel Peixe Dias

MONTAGEM E IMPRESSÃO

Imprinter SA, Rua Sacadura Cabral, 26 Algés. Tel. 4198065
Gravação do ELO sonora:
Centro de Produção de Material da Segurança Social de Lisboa e Vale do Tejo

Depósito Legal: 99595/96

Mensário distribuído gratuitamente aos associados em situação legal.

Assinatura anual: 1 400\$00.

Os textos assinados não reproduzem necessariamente, as posições da ADFA ou da Direcção do ELO, sendo da responsabilidade dos seus autores.

Tiragem deste número

9 500 exemplares



O monumento de Maria Morais, que simboliza o serviço à Pátria, custou cerca de 20 mil contos

Câmara inaugura monumento

Soldados mortos no Ultramar homenagiados por Oeiras

OS 27 SOLDADOS oeirenses mortos na Guerra Colonial foram homenageados pela Câmara Municipal de Oeiras que mandou erguer um monumento, inaugurado dia 21 de Junho, em honra dos combatentes. A obra custou cerca de 20 mil contos e foi construída no Bairro da Figueirinha, precisamente no Jardim do Ultramar, inaugurado no mesmo dia.

O trabalho, que pretende simbo-

lizar o serviço à Pátria, é da autoria de Maria Morais e constitui um conjunto escultórico onde, além do muro ao longo do qual se pode ler os nomes e respectivos postos dos soldados, bem como o local de combate e a data do seu falecimento — à semelhança do monumento que existe em Washington em memória dos americanos mortos na guerra de Vietnam —, foram também representados três soldados de armas em

punho (um dos quais com uma criança às costas) em caminhada alures na floresta africana entre os canaviais, simbolizados por pequenos obeliscos.

Os ciprestes em redor recriam a atmosfera semelhante à de um cemitério e, para maior identificação da paisagem africana, a escultora estilizou ainda o embondeiro, árvore africana com aproximadamente seis metros de altura. • S.X.P.

Informações

Férias ADFA

POR MOTIVOS de férias, informa-se que a Sede da ADFA em Lisboa estará encerrada de 1 de Agosto a 2 de Setembro, com excepção dos serviços de atendimento aos associados na secretaria. A Delegação de Famalicão funcionará normalmente de 1 a 9 de Agosto e a partir desta data permanecerá fechada até 1 de Setembro. Em Bragança, a Delegação interromperá a actividade de 21 de Julho a 14 de Agosto, enquanto que a Delegação de Évora estará encerrada durante o mês de Agosto.

Coleccionar insígnias

FOI CRIADA a Associação Nacional de Coleccionadores de Insígnias (ANCI), um espaço de convívio onde os coleccionado-

res de insígnias militares, de forças de segurança, desportivas, sócio-profissionais, entre outras, podem desenvolver e melhorar as suas colecções. A iniciativa é do Pára Clube Nacional — “Os Boins Verdes”, que pretende ainda alargá-la a todo o território nacional. Os interessados (militares ou civis) devem escrever para Pára Clube Nacional — “Os boins Verdes”, Associação Nacional de Coleccionadores de Insígnias, Comando das Tropas Aerotransportadas, Tancos, 2260 Praia do Ribatejo.

Despacho cria curso

FOI PUBLICADO no Diário da República de 14 de Maio, um despacho que cria o curso de técnico auxiliar de electrotecnia/electrónica destinado a deficientes auditivos. Nos dois anos de duração são ministradas

componentes de formação sócio-cultural e técnica, tecnológica e prática. Após a conclusão do curso e realização de um estágio, é atribuído ao aluno um diploma de qualificação profissional de nível II, correspondente ao despacho nº 85/368/EEC do Conselho das Comunidades Europeias. Este curso funcionará até ao ano lectivo 1999/2000, na Escola Secundária do Infante D. Henrique, no Porto.

Oportunidades iguais

ESTÁ EM elaboração uma “resolução sobre a participação plena de pessoas com deficiência na Sociedade através da “igualdade de oportunidades” e da “inclusão da deficiência nos programas de luta contra a pobreza”. Para o efeito foi publicado um despacho (nº1173/97, 2ª série), no diário da República de 31 de Junho, que determina a

constituição de um grupo de trabalho composto por quatro elementos que, além de “acompanhar todas as acções, projectos e programas a desenvolver, deverá apresentar periodicamente relatórios das suas actividades. Esta resolução insere-se no âmbito das determinações da Comissão de Desenvolvimento Social da Organização das Nações Unidas, representada pela Direcção-Geral da Acção Social.

Quotas Madeira

LEMBRA-SE aos associados residentes na área da Delegação da Madeira e que aderiram ao pagamento de Quotas por transferência bancária que, no mês de Julho, será efectuado o levantamento de 6.600 escudos referente ao corrente ano (Janeiro a Dezembro). Este pagamento só diz respeito aos pensionistas de pensão de pre-

9 de Julho - 14h30- reunião de associados em Ponte da Barca no salão dos Bombeiros Voluntários de Ponte da Barca
19 de Julho - realiza-se um almoço convívio do 3º Destacamento de Fuzileiros Especiais — que prestaram serviço na Guiné de 20/07/1967 a 1969 —, na Escola de Fuzileiros de Vale Zebro. Os interessados poderão fazer a sua inscrição através dos seguintes telefones da rede de Lisboa: 216 64 07 (“Espanhol”), 203 34 05 (“Carequinha”) e 276 12 04 (“Peneda”).
19 de Julho - 15h00- reunião de associados em Paredes no salão dos Bombeiros Voluntários de Lordelo
25 de Julho - a Direcção Nacional convoca todos os associados para uma reunião de sócios na Sede, em Lisboa. O encontro está marcado para as 20h30 e tem a seguinte ordem trabalhos: 1- Reivindicações legislativas; 2- Informações de carácter geral.
26 de Julho - 15h00- reunião de associados em Amarante no salão dos Bombeiros Voluntários de Amarante

Novos Associados

Dando cumprimento ao estipulado no nº4 do Artº8 dos Estatutos da ADFA, publica-se a relação dos candidatos a sócios efectivos.

Custódio Gonçalves Branco; Maria do Sameiro Silva Oliveira; Albertina Pereira Oliveira; João Manuel Campos Coelho; Joaquim Vitória Mação; Manuel Injaio Júnior; António José Firmino Campanacho; José Miguel Salgueiro Pinto; Hélder José Guerreiro Cabrita; Armando Rodrigues Vicente Lopes; António Simões Mateus; José Marques Coxo; João da Mata dos Reis; António Filipe Gonçalves Nunes; Mário Pinto Ferreira; Joaquim José Rodrigues da Costa; Maria Amélia da Silva Figueiras; José Artur da Silva Soares da Rocha; Laurentina de Sousa Neto Talaia; António Rodrigues Martins; Herminio Augusto Borges; Manuel Fernandes Caseiro; Palmira Augusta Coroa da Silva; Manuel Rocha da Fonseca; Cristiano Cunha Ribeiro; Manuel Henriques da Silva; Teresa Maria de Sousa Almeida Teixeira; Rui Alberto Paiva de Oliveira; José Manuel dos Santos Neves; Isaura do Nascimento Alves; Maria de Lurdes da Costa Filipe Dias; Lídia Braga Monteiro; José de Sousa da Rocha; Manuel da Silva Simões; Maria Irene Figueiredo Neves; Silda da Silva Moreira; Fernando Machado; Raul Manuel Gomes; Francisco Fernandes; Raúl Patrício Leitão; Amílcar Dias Conduto

ço de sangue (dia 16) e pensionistas não DFA's (dia 18).

Cursos de informática

O CENTRO de Informática do Exército (CIE) informa que durante as férias haverá 4 cursos do processador de texto Word, destinados a filhos de militares e funcionários civis do Exército (com idade superior a 15 anos). Embora não sejam exigidos quaisquer requisitos, é desejável que os candidatos possuam conhecimentos básicos de informática na óptica do utilizador, particularmente navegação em ambiente Windows. As fichas de inscrição devem ser preenchidas com indicação da data e horário da sua preferência e remetidas até 25 de Julho para apreciação. Entre 28 de Julho e 1 de Agosto o CIE divulgará lista dos seleccionados.

Editorial

De facto a união



António Carreiro

Desde a fundação da ADFA que nós, os associados, nos encontramos em união de direito e de facto. Se a de direito não tem instabilidades, já, por sua vez, a nossa união

de facto tem passado por vicissitudes, como qualquer casal, levando, inclusivamente a separações e divórcios.

No rescaldo e na superação das crises, socorremo-nos, normalmente, da figura da adopção de programas de revitalização da união.

Talvez estas desavenças sejam originadas na força interior de cada um, na vontade férrea de conseguir o que a sua verdade lhe dita. Cada um tem a sua razão, e esta é a razão absoluta.

É verdade que Deus fez o homem à sua imagem e semelhança. Quiçá inchados de orgulho com tal distinção, cada um é, para si mesmo, o senhor absoluto.

Esquecemos, porém, uma característica fundamental Dele - a suma perfeição. É que Deus não foi assim tão longe; Criado pelo homem à sua imagem e semelhança, reservou-Se a perfeição, apenas para Si. Deixou-nos esta frustração da relatividade. Nunca temos a verdade, mesmo verdadeira.

As mentalidades dominantes são constantemente abaladas pelo debate e combate da ideologia imposta. Ainda bem. A pedrada da homossexualidade no Parlamento está a demonstrar isso mesmo; a provocar um choque no que muitos têm como verdade, evidenciando a relatividade dos conceitos, preconceitos e valores.

A nossa união de facto tem sofrido por causa do absolutismo das verdades e da difícil alteração de mentalidades no decurso da vida.

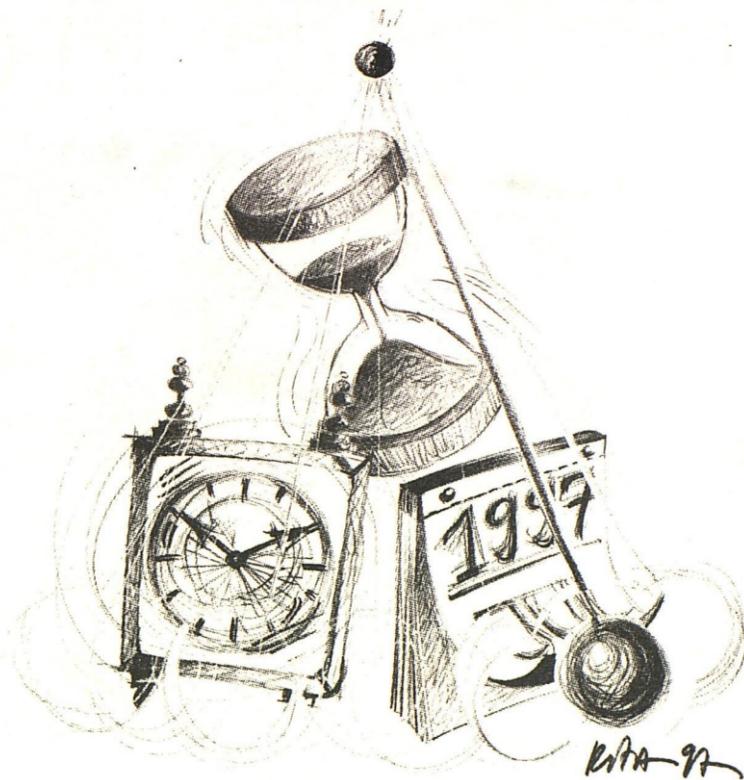
É que só Deus "é a verdade e a vida", diz as escrituras. Não sendo nós Deus, não somos donos da verdade e temos de admitir sempre, e de boa-fé, as verdades dos outros; temos de nos impor o "saber ouvir" e de alterar as nossas mentalidades, conscientes da enorme fraqueza da nossa relatividade.

Até às próximas eleições, por maioria de razão, teremos de saber ouvir, analisar a verdade de cada um, compreender e desenvolver a nossa união, para que melhor se prossigam os objectivos associativos, promovendo a sua força e razão de ser. Foi bom exemplo a ausência de querelas absurdas, no decurso da última reunião de sócios na Sede, feita em simultâneo com um jantar de convívio de associados, empenhados em reflectir sobre o futuro da ADFA.

O ELO, o nosso jornal, enviado a todos os sócios no gozo de direitos, é o "fórum" por excelência para a difusão de pontos de vista divergentes, convergentes e complementares. Utilizem-no.

Estará, assim, a desempenhar o seu próprio objectivo; a reforçar, na diversidade de opiniões, a estabilidade da Instituição; a contribuir, de facto, para a solidez dos laços sinceros da nossa união. •

Grande Plano



A fruta tocada

Jaime Ferreri

.....

Claro que existem sempre aqueles que desculpam a nossa permanência em África. Éramos mais humanos, muito mais irmãos que racistas. Nunca fomos colonialistas no sentido absoluto do termo. Temos sempre, à bom português, aquele jeito de mandar a culpa para costas alheias. Até a guerra já estava ganha, cheguei a ouvir por aí. Um pouco mais e o nosso exército tinha acabado com ela.

.....

os heróis". Foi a falta de um treino para a paz onde o medo se complementasse na prudência que gerou os principais problemas de stress que agora tocam os combatentes. Se antes de nós tivessem usado o pão e a educação como armas da jornada talvez a comunidade lusíada que se apregoa rendesse hoje o pão que falta e que a todos nos envergonha.

Claro que existem sempre aqueles que desculpam a nossa permanência em África. Éramos mais humanos, muito mais irmãos que racistas. Nunca fomos colonialistas no sentido absoluto do termo. Temos sempre, à bom português, aquele jeito de mandar a culpa para costas alheias. Até a guerra já estava ganha, cheguei a ouvir por aí. Um pouco mais e o nosso exército tinha acabado com ela.

Em vez disso continuamos ho-

je tocados pela guerra; a mesma guerra que não pára de influenciar-nos dia a dia. Falamos dela, recordamos os momentos dolorosos e vamos contando os amigos feridos e companheiros de batalha que agora estão a partir muito depressa. É a própria esperança de vida a reduzir-se também como se os anos encurtados sejam já o tributo que os deuses cobram de antecipado.

Também lembramos hoje aqueles que no passado se passeavam por África, cheios de força, medalhados, temidos, valentes em demasia. Mas a esses também chegou uma noite a baralhar-lhes a cabeça; começou por uma réstia, uma réstia de nada... E então era de noite que se fazia luz, a queimar os olhos do remorso, da ordem cumprida ou das violências por conta própria. As "almas" dos inocentes acabam por vir um dia povoar as cabeças e, de culpado em culpado, os cinquenta anos da maioria dos combatentes torna-se a idade propícia para que os sonhos de guerra se tornem mais frequentes. Em vez dos ferimentos do corpo são agora os do espírito, muitos piores e difíceis de ultrapassar. É que à raiva refreada pela diminuição física sobrepõe-se a violência e a arrogância. É a forma de luta contra aqueles que colocam em causa o direito justo da reparação. Reconhecer esse direito começa por se tornar numa nova guerra. E as mentes que os reclamam já há muito se encontram em desequilíbrio. Os ferimentos que tocam os companheiros, os amigos perdidos, a experiência do hospital, as parcas condições dadas aos feridos que não eram graduados ainda hoje caminham lado a lado com a vida de muitos que se gasta de desgostos e preocupações. Aquele hospital (Anexo de Campolide em Lisboa) era mais horrível do que a própria guerra e ainda hoje faz parte de sonhos e sufocos de estremunho. •

Episódios



Nos limites

José Diniz

Homem é, por vezes, posto perante situações que põem à prova as suas capacidades de resistência mental e física, conduzindo ao esgotamento quase total das forças e ao fracasso. O filósofo alemão Karl Jaspers designou estas situações por "situações-limites", considerando como as mais características o sofrimento, a culpa, a insegurança e a morte. Defende mesmo, numa perspectiva trágica, que elas são inevitáveis e levam o Homem a, a tomar consciência da sua autenticidade, a descobrir-se na sua verdadeira essência.

Todos nós já passámos por algumas destas situações, umas vezes como pacientes, outras como espectadores envolvidos. Já vivemos momentos terríveis e desesperantes a que julgávamos não conseguir sobreviver. Porém, melhor ou pior, sempre arranjámos forças para as ultrapassar, às vezes sem saber como.

A guerra é um fenómeno provocador de situações-limites. Ela causa, no mais elevado grau e da forma mais gratuita, o sofrimento e a morte. Causa também sentimentos de raiva, de desespero e até de culpa. Cria um sobressalto permanente perante o perigo que espreita a cada momento.

Um dia foi-me dada a missão de escoltar uma companhia acabada de desembarcar e que se ia instalar, em tendas, a norte de Tete. A guerrilha começava a aquecer naquela zona e o dispositivo estava a ser reforçado. Assim, como ia para um local novo, esta companhia trazia consigo desde os fósforos até à cozinha de campanha, desde os cartuchos da G3 até à granada de morteiro. Para levar todo o pessoal e material eram umas dezenas de viaturas. A picada não oferecia grandes perigos, mas coordenar a progressão de tamanha colona era tarefa difícil. Lá chegámos ao local designado que mais não era que uma pequena elevação sem qualquer preparação do terreno, qual grupo de escuteiros que, chegada a noite, escolhe o melhor local para acampar. Ainda hoje tenho bem vivo na memória o desalento de todos aqueles militares novatos ao verem-se positivamente despejados naquela terra de ninguém. Guardo especialmente a imagem do capitão, miliciano e diplomata de carreira, que, encostado a uma árvore, lastimava a sua sorte e a dos seus homens. Os conhecimentos e a experiência nos intrincados negócios políticos e diplomáticos não tinham ali qualquer aplicação. Era a situação-limite do indivíduo reduzido à mais elementar condição de ser jogado no nada.

Para se erguer deste nada e de muitos outros nadas em que aquela guerra foi pródiga, era necessária uma gigantesca capacidade reactiva. E foi este poder de reacção que salvou muitas vidas, selou grandes amizades e construiu o espírito de corpo necessário para ultrapassar os momentos difíceis.

Na verdade, foi uma guerra feita nos limites das carências, do improviso, da insegurança, da tensão permanente.

Este andar sempre na corda bamba deixou sequelas físicas e psíquicas em milhares de portugueses. Mas também deixou, na grande maioria, força anímica para ultrapassar as deficiências e manter bem vivo o espírito de luta que ainda hoje faz da ADFA uma instituição jovem e dinâmica. •

Representantes alemães em Lisboa divulgam edição deste ano

Feira internacional volta a debater deficiência

AS ACTIVIDADES integradas no programa da principal feira internacional para profissionais de medicina - a Med by Mess Düsseldorf -, agendada para o próximo Outono, foram divulgadas dia 4 de Junho numa conferência de imprensa em Lisboa pela representante da NOWEA (Sociedade de Feiras de Düsseldorf) em Portugal. Exposições, congressos, espectáculos e actividades como visitas às cidades formam o leque de opções da feira que se realiza de dois em dois anos e é constituída por três fases autónomas. Para o período de cada exposição, estão também previstos congressos relativos ao tema.

O recinto das exposições é um espaço autónomo com serviços de informação, aluguer de automóveis, banco, restaurante, assistência médica e parques de estacionamento. Para os deficientes existem guias-assistentes de orientação, placas informativas para invisuais, acessos para cadeiras de rodas, estacionamento, serviço de transporte e tradutores para linguagem gestual. A cidade de Düsseldorf, na Alemanha, espera receber 210 mil visitantes entre Outubro e Novembro, período em que se realiza a feira.

Comparada pelos responsáveis a uma espécie de grande superfície de informação médica especializada, onde todos os materiais expostos podem ser experimentados e comparados, Herbert Köhler, porta-voz da NOWEA, explicou que na feira "os encontros constituem um espaço privilegiado de diálogo entre quadros altamente especializados dos vários grupos profissionais do mundo, sendo também desejável a intervenção dos visitantes que poderão encontrar respostas para os seus problemas junto dos expositores".

A Messe Düsseldorf 97 abre as portas a 22 de Outubro com a REHA Internacional - sigla alemã para Reabilitação Equipamento e Cuidados para Deficientes -, funcionando entre as 10 e as 18 horas. Esta primeira fase termina no dia 25 do mesmo mês e é dedicada à integração e autonomia de pessoas deficientes com mobilidade condicionada, doentes crónicos e idosos. A nível



Durante a feira estão previstas mostras dos últimos avanços tecnológicos criados para ajudar os deficientes

de grande informação, o mais importante na REHA será o congresso subordinado ao tema: "auto-ajuda e cuidados no futuro", onde peritos da política, medicina, associações de deficientes e grupos de auto-ajuda debaterão problemas do dia-a-dia dos deficientes. Estão ainda previstos círculos de informação e debate, mostras de novos meios e serviços de assistência médica, tratamentos diversos e higiene, comunicação, transportes, aparelhos de deslocação, construção e residência e desporto e tempos livres.

Além de uma exposição de arte

com trabalhos da autoria dos deficientes, estes participarão ainda em peças de teatro bem como em espectáculos de música e dança inseridos no festival de cultura que se realiza fora do espaço que circunda o recinto da feira.

A segunda fase da exposição está programada entre 4 e 7 de Novembro com a feira de segurança e medicina no trabalho, denominada A+A. Incluindo uma exposição e um congresso sobre "o futuro no trabalho", a exposição terá também uma mostra de vestuário profissional, de dispositivos de segurança e de prevenção e extinção de incêndio.

Esta fase envolverá instituições internacionais não comerciais - caso da Confederação das Associações de Profissionais da Indústria - e organismos ligados à segurança e medicina no trabalho. Espera-se que os ministérios portugueses da Saúde, do Emprego e da Solidariedade Social estejam representados na iniciativa.

A terceira fase encerra a Messe Düsseldorf com um fórum mundial para consultório médico e hospitais e com uma feira de produtos para produção médica, de 19 a 22 de Novembro.

Entre os 900 expositores (dos 70

países presentes no REHA) apenas quatro pertencem a empresas portuguesas e, de acordo com o que o ELO apurou, nenhuma delas está directamente envolvida na produção de ajudas técnicas para deficientes. Com base nestes dados, durante a conferência de imprensa foi levantada a questão da política do empresariado nacional favorecer pouco os deficientes: "até uma simples bengala para invisuais tem de vir de Espanha", comentou José Coelho, da Associação de Cegos e Amblíopes de Portugal. •

Sabina Xavier Pina

FARINHO LOPES

Jogos organizados pela CERCÍ reúnem centenas de crianças

Brincar ao turismo

O TURISMO foi o tema da VI edição dos jogos sem barreiras, "Brincadeiras", uma iniciativa promovida pela CERCÍ de Lisboa (Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas) com vista a diminuir as barreiras sociais e físicas inerentes à deficiência. O evento reuniu, dia 12 de Junho, cerca de 800 crianças e jovens - a maior parte deficientes - no hipódromo do Campo Grande.

As "Brincadeiras" são inspiradas nos populares "Jogos sem Fronteiras" e segundo Julieta Sanches, presidente da CERCÍ de Lisboa, pretendem essencialmente "promover a integração social do jovem deficiente mental na área do desporto, em função das suas potencialidades", além de, acrescenta, "minimizar o preconceito da sociedade face à pessoa com deficiência mental".

À semelhança das edições anteriores, também participaram nas "Brincadeiras" deste ano jovens de algumas escolas regulares de Lisboa. Ao todo

mais de 30 instituições estiveram presentes - entre elas quatro de origem estrangeira e similares à CERCÍ: Inglaterra, Itália, Bélgica e Espanha -. Em relação ao sucesso das "Brincadeiras", Julieta Sanches explica que tudo "começou por ser uma festa de fim de aulas do ensino especial que foi ganhando dimensão, alargando a participação a alunos do ensino regular e, agora, também a jovens de congéneres da CERCÍ no estrangeiro". Um sucesso também reconhecido pelo secretário Nacional de Reabilitação, Vitorino Vieira Dias, que considera os jogos sem barreiras da CERCÍ "uma iniciativa exemplar de integração", só possível quando "as instituições têm dirigentes qualificados". Em declarações ao ELO, o secretário refere ainda que "apesar de se estar longe da situação ideal, muito se tem feito na integração e reabilitação das pessoas com deficiência", lembrando, "que há 20 anos não seria possível uma iniciativa do género".

Com o turismo como tema dos jogos, as provas retrataram três situações ligadas à actividade: chegada ao aeroporto, ida à praia e o experimentar de um prato típico. Motivados pelas palavras de incentivo de João Baião e Mila Ferreira - os apresentadores convidados pela organização para animar as "Brincadeiras" -, os "turistas" lá foram completando, com maior ou menor dificuldade, as provas. Do avião para o hotel, transportando gelados na praia ou preparando uma sardinhada a confusão era grande e todos davam o seu melhor, pois, apesar de o mais importante das "Brincadeiras" ser o convívio, ninguém gosta de perder. No final, depois de se saber que a Escola Paula Vicente tinha sido a vencedora e já com a barriga cheia, todos tiveram ainda direito a um espectáculo musical onde actuaram as cantoras Ágata e Romana. •

Nuno Crespo



Estiveram mais de 800 crianças e jovens nos Jogos sem Barreiras

Grupo de associados quer participação no próximo acto eleitoral

Eleições originam jantares na Sede

UM GRUPO de associados está a promover a realização de jantares-convívio na Sede, tendo em vista a participação no próximo acto eleitoral. No passado dia 22 de Junho de 1997, teve lugar o segundo jantar, contando com a presença de 64 associados. O primeiro, que contou com mais de 70 associados, ocorreu a 20 de Maio.

Foram indigitados os associados Lia Katali, Gabirro, Titus, Guedes da Fonte e Isac, para constituírem uma comissão "ad hoc", visando a organização-mínima do grupo, dado que os jantares são abertos a todos os associados que queiram participar, os organizadores convidaram também o director do ELO, que esteve presente.

Após o jantar, usaram da palavra alguns dos presentes, nomeadamente Lia Katali, Lobos, César, José Monteiro, José Gonçalves, José Moreira, Gabirro, Vieira Jorge, José Arruda, Armando Roque, Jorge Maurício, Capela Gordo e Lavouras Lopes.

Foi tónica das intervenções que os órgãos devem ser dignificados e respeitados, que estes jantares não são contra ninguém, pretendendo-se antes que os órgãos sociais cumpram o seu mandato e "aquilo para que foram eleitos". Referiu-se também que é necessário "um reforço da camaradagem" e exercer "o direito de manifestar o nosso pensamento", porque "é importante discutir os problemas" e "criar condições para o aparecimento de uma lista".



FARINHO LOPES

A partir de agora os jantares que visam o acto eleitoral serão regulares

Alguns insurgiram-se contra "o esvaziamento de conteúdo da Associação", contra a "alteração de prioridades nas reivindicações legislativas". Por outro lado, acentuou-se a neces-

sidade do desenvolvimento da autonomia económica, do espírito de amizade e camaradagem, "princípio básico da ADFA", do altruísmo e da solidariedade e que "o grupo deve trabalhar

no sentido da unidade e coesão associativas".

Entretanto, ficou agendado novo jantar-convívio para o dia 17 de Julho, às 20 horas, no restaurante da Sede. • A.C.

Cooperação e solidariedade na FIL

REALIZOU-SE NA FIL (Feira Internacional de Lisboa), de 25 a 28 de Junho, o II Fórum da Cooperação e Solidariedade uma iniciativa organizada pela AMI (Assistência Médica Internacional) com o objectivo de falar e discutir os problemas que afectam os países menos desenvolvidos de África.

Em virtude de ter actualmente em curso um projecto de cooperação com Angola, a ADFA também esteve presente no fórum. A participação da Associação consistiu numa apresentação - através de um local de exposição - do Projecto Novo Rumo Reabilitação e Reintegração de Deficientes Militares de Angola. O projecto da ADFA visa a construção de um centro de reabi-

litação e produção de próteses e ortóteses em Angola e conta com o apoio do Governo português, do Governo Angolano, da União Europeia e da Associação dos Militares Mutilados da Guerra de Angola. Além de mostra aos visitantes o projecto de cooperação, a ADFA aproveitou também o fórum para dar a conhecer o que é a Associação dos Deficientes das Forças Armadas. A primeira dama portuguesa, Maria José Ritta, foi uma das pessoas que visitou o espaço da ADFA. Paralelamente ao fórum decorreram na FIL um conjunto de seminários sobre cooperação e solidariedade para com as populações carenciadas e desfavorecidas de África. •



FARINHO LOPES

Humberto Sertório quando cumprimentava Maria José Ritta

Primeiro passo para novo Núcleo

A POSSIBILIDADE da criação em Bissau de um núcleo da ADFA foi o objectivo do encontro entre responsáveis da Associação e o embaixador da Guiné-Bissau, José Pereira Baptista, dia 12 de Junho, em Lisboa. A ideia partiu de um grupo de associados africanos que, há cerca de três meses, entregou à Direcção Nacional um abaixo-assinado pedindo a criação de um núcleo em Bissau, porque mais de 150 sócios portugueses e guineenses vivem na cidade (ou deslocam-se lá com frequência) e gostavam que a ADFA tivesse naquele país um espaço seu.

Lopes Dias, da Direcção Nacional, explicou ao ELO que a audiência "foi a primeira abordagem para a criação do Núcleo de Bissau" e "foi muito positiva porque o embaixador classificou a iniciativa de altamente meritória uma vez que já não há inimigos". José Pereira Baptista demonstrou desta forma a sua disponibilidade para ajudar a ADFA na concretização do projecto que pode ser um polo de futuros contactos para outras áreas. Lopes Dias acrescentou ainda que "em breve será agendada uma reunião com os associados responsáveis pelo abaixo-assinado" no sentido de que, ainda durante este ano, possa ser apresentado na embaixada da Guiné-Bissau um dossier já com dados mais concretos sobre o projecto onde os encargos (da criação do núcleo) serão suportados pela ADFA.

Na audiência com o embaixador foi também abordada a possibilidade de ex-combatentes da Guiné poderem visitar antigos locais de guerra. • N.C.

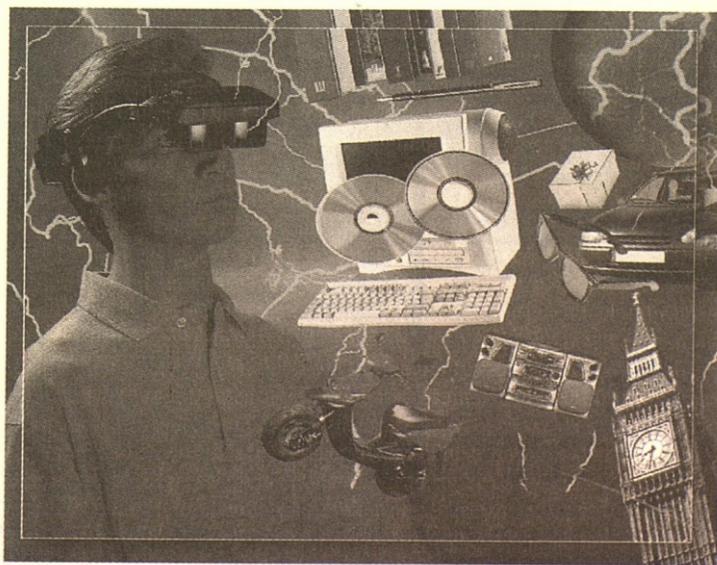
PSD promete apoiar Associação

No seguimento das decisões da última Assembleia Geral Extraordinária, no Porto, responsáveis da ADFA reuniram-se, dia 26 de Junho, com o presidente do PSD, Marcelo Rebelo de Sousa, procurando sensibilizar o maior partido da oposição para os problemas dos deficientes militares que continuam por resolver. A situação dos deficientes em serviço, o direito das viúvas às pensões de preço de sangue e o caso dos associados internados no Anexo, foram algumas das questões levantadas pela ADFA durante o encontro com o líder do PSD. Marcelo Rebelo de Sousa mostrou-se disposto a ajudar, disponibilizando-se para falar pessoalmente com o ministro da Defesa. •

Leia, é para si

Tem problemas de coluna?
Má circulação?
Sofre de enxaquecas?
Reumático e caimbras?
Cansaço físico
e dorme mal?

Melhore a sua saúde fazendo um tratamento. Em sua casa todos os dias. Toda a vida sem perder tempo. Telefone para o nº 039 811053 e peça uma demonstração do aparelho de saúde sem qualquer compromisso.



MG ESPECIAL JOVEM

Sai do virtual. Conosco o teu crédito é real.

Está na hora de passares do virtual para o real. Os sonhos já não comandam a vida.

Agora para poderes ter, basta



tu quiseres. Com o MG

Especial Jovem, o que sempre

ambicionaste, o computador,

o carro, a mota, a tua viagem de finalistas, torna-se realidade. Passa nos Balcões do Montepio Geral e descobre as vantagens de ter um crédito especial em apenas

48 horas. Agora és tu que comandas a vida.



MONTEPIO GERAL

HÁ VALORES QUE DURAM SEMPRE

Delegação de Coimbra cria 1º Acampamento Nacional do Deficiente

ADFA organiza evento inédito

DEZENAS DE campistas reuniram-se durante quatro dias, entre 7 e 10 de Junho, em Miranda do Corvo para o 1º Acampamento Nacional do Deficiente. A iniciativa partiu da secção de campismo da Delegação da ADFA em Coimbra e contou com a colaboração da Associação para o Desenvolvimento e Formação Profissional de Miranda do Corvo (ADF-PMC). Esta foi a primeira vez que um acampamento teve a participação de uma associação ligada à deficiência.

A abertura oficial do evento, sábado, dia 7, começou com a recepção às entidades locais e com o hastear das bandeiras. Depois dos discursos e das trocas de ofertas entre os clubes de campistas portadores de bandeira, seguiram-se, ainda de manhã, os jogos tradicionais (malha, colher de pau e o jogo das latas). Já após o almoço, os campistas fizeram uma visita guiada pelas freguesias de Rio de Vide e Semide.

Enquanto no segundo dia, domingo, as atenções concentraram-se no desporto, com a realização de marcha e jogos de andebol entre deficientes, na segunda-feira foi tempo



Miranda do Corvo recebeu os campistas participantes

de convívio e de passeio. De manhã os campistas tiveram oportunidade de visitar a praia fluvial da Senhora da Piedade, onde os mais corajosos não resistiram a um mergulho nas águas geladas do rio. O almoço, ofe-

rido pela ADFA, decorreu no centro hípico, na Quinta da Paiva, local onde os cavalos foram o centro das atenções levando alguns campistas a não perder a oportunidade de montar. Durante o almoço na quinta, um dos cavalos, numa tentativa de manifestar a sua presença, derrubou algumas mesas e cadeiras causando o pânico entre os participantes. No fim tudo acabaria bem e, já depois do almoço, os participantes partiram para mais uma série de visitas pelos concelhos de Penela, Castanheira de Pera e Lousã.

O último dia do acampamento foi de adeus. Depois do "mata bicho da despedida", arrear-se as bandeiras e os campistas partiram em direcção a vários pontos do País, no entanto, não sem antes marcarem encontro para o próximo acampamento.

Além do apoio da ADFPMC e da Federação Portuguesa de Campismo e Caravanismo, o evento contou com a colaboração de várias entidades locais, nomeadamente da Câmara Municipal de Miranda do Corvo e da Brigada Ligeira de Intervenção de Coimbra. Jorge Cosme, presiden-

te da autarquia, disse ao ELO que "este tipo de iniciativa é importante para o desenvolvimento do concelho, daí o apoio da Câmara". O responsável explicou que "a zona começa a ser visitada por gente de vários pontos do País e é preciso criar estruturas para poder receber condignamente essas pessoas. Miranda tem de deixar de ser apenas o dormitório da cidade de Coimbra".

Para os campistas, iniciativas como esta "devem continuar a ser realizadas". A este respeito Fernanda Gonçalves, do Clube Português de Autocaravanismo, foi clara: "nós temos que conviver com os deficientes. Afinal de contas, eles fazem parte da nossa vida".

O acampamento decorreu nas instalações da ADFPMC, instituição única no País e que desempenha um papel extremamente importante junto da população de Miranda do Corvo. Integrando idosos, deficientes e crianças no mesmo edifício, esta associação tem como principal objectivo a reabilitação e integração na sociedade e no mundo do trabalho. •

Anabela Vieira

SEAT

IBERPEÇAS
SOBRESSALENTES AUTO, LDA.

ALHAMBRA



OFICINAS / PEÇAS

RUA CIDADE DE RABAT, LTE. 2-B - 1500 LISBOA - TELF. 778 60 07
RUA HERÓIS DO CHAIMITE, LTE. 8 - 2675 ODIVELAS - TELF. 937 60 40

STANDS

AV. ALMIRANTE GAGO COUTINHO, Nº83 - LOJA - 2675 PÓVOA DE STº ADRIÃO
RUA ELIAS GARCIA, LTE. 8-B - VENDA NOVA - 2700 AMADORA

CONTACTOS

ALBERTO PINTO: TELF. 757 04 22 - TLM 0931 26 61 53
LUÍS MENEZES: TELF. 937 60 40 - TLM 0931 85 42 45

Sócios falecidos

Aos familiares e amigos dos sócios falecidos apresentamos as nossas mais sentidas condolências

Francisco Branco Henrique

Sócio nº 3372
52 anos
Faleceu no dia
03/06/97



Residia no conselho de Loulé, deixa viúva Elisete Guerreiro da Quinta e 3 filhos menores. Teve acidente em Guiné, em 1967, de que resultou uma fractura em ambas as pernas (25%).

Aníbal da Silva Leite

Sócio nº 1448
52 anos
Faleceu no dia
05/97



Residia em Braga, casado com a Maria da Conceição Mendonça Leite. Teve acidente na Guiné, resultando múltiplas fracturas expostas (63%).

António Luís Morgado

Sócio nº 3046
51 anos
Faleceu no dia
01/05/97



Residia no concelho de Trancoso, deixa viúva Leonilde da Conceição Cardoso. Em Angola no ano de 1968, foi atingido por um morteiro (35%).

João Evangelista Ranção

Sócio nº 11225
69 anos
Faleceu no dia
13/05/97



Residia em Podence-Macedo de Cavaleiros, casado com Maria do Céu Gonçalves.

Carlos Pinto de Almeida

Sócio nº 10675
53 anos
Faleceu no dia
27/03/97



Residia no concelho de S. João da Madeira, deixa viúva Judite Soares da Costa e 3 três filhos. Era DFA com 25,8% de incapacidade devido a lesões no membro inferior direito em 1967, na Guiné.

António Severino Lopes

Sócio nº 11163
82 anos
Faleceu no dia
21/04/97



Residia na Moita, viúvo de Maria Teresa.

Encontro com esposas de falecidos combatentes arranca no Porto

As viúvas da Nação

DIREITOS RESERVADOS



As mulheres dos deficientes falecidos foram à ADFA para discutir os problemas que enfrentam

O 1º ENCONTRO de associadas da ADFA realizou-se em Maio no auditório da Delegação do Porto. Cerca de 30 viúvas, de diversas zonas do norte de Portugal, acederam ao convite feito pelas estagiárias de Serviço Social e deslocaram-se ao Porto com o objectivo promover uma maior aproximação entre as viúvas de sócios e a associação, bem como prestar alguns esclarecimentos relativamente a questões que lhes dizem directamente respeito, como é o caso da atribuição da pensão de preço de sangue.

Das viúvas presentes apenas seis têm direito a pensão de preço de sangue, o que é considerado por todas "uma grande injustiça". Segundo Manuela Santos, do gabinete jurídico da ADFA, "só têm direito à pensão, as viúvas cujos maridos eram deficientes considerados em campanha e com um grau mínimo de incapacidade de 60 por cento, ou então, no caso de terem menos do que isso, desde que se prove que houve uma relação directa entre a causa da morte e a de deficiência, o que é muito difícil de acontecer".

Durante o encontro foram dadas a conhecer várias histórias de injustiça. Por exemplo, Maria Dulce, viúva de Américo Sobreiro, contou que o marido, antigo combatente cuja viatura on-

de seguia, durante uma operação, foi atingida por uma mina, provocando-lhe uma lesão na base do crânio, que nunca foi detectada, apenas foi considerado deficiente em campanha, com uma incapacidade de 30 por cento devido a lesões auditivas. As lesões cranianas agravaram-se progressivamente, conduzindo Américo Sobreiro à morte. Actualmente, Maria Dulce não tem direito a qualquer pensão.

História semelhante conta Clarice Guedes, o marido faleceu com 29 anos de idade, deixando-a com três filhos praticamente ainda bebés, como contou ao ELO a viúva: "apenas fiquei na altura com uma pensão da caixa de previdência de 2400 escudos. Trabalhava no campo, vivi com muitas dificuldades e não pude dar aos meus filhos o futuro que queria". Um pouco diferente, embora com um final igual às outras, é a história de Alzira Santos, que viveu maritalmente com Fernando Amorim durante 27 anos e de quem tem uma filha. Alzira desabafa que nunca sentiu necessidade de "regularizar a situação" com o companheiro, mas, agora que o meu marido morreu, nem ela nem a filha, que está desempregada, têm direito a qualquer pensão. •

Anabela Vieira

Desemprego e exclusão social são tema em iniciativa da Câmara de Gaia

Empresários e autarcas debatem deficiência

DIREITOS RESERVADOS



Jerónimo de Sousa, orador convidado, definiu o desemprego actual como o pior desde a Grande Guerra

A CAMARA Municipal de Vila Nova de Gaia organizou no dia 6 de Maio, nas caves de vinho do porto Taylor's, um jantar/debate subordinado ao tema "Desemprego, pobreza e exclusão social". A iniciativa esteve integrada no programa dos jogos "Douro-Gaia" - destinados a pessoas portadoras de deficiência - e contou com a participação dos presidentes de juntas de Freguesia do Concelho, do presidente da Câmara Municipal de Gaia, instituições ligadas à deficiência e empresários.

Segundo Heitor Carvalheiras, presidente da Câmara de Gaia, "a autarquia está consciente do problema que é a deficiência e da batalha que se trava quando as pessoas deficientes tentam a sua integração no mundo do trabalho". O presidente acrescentou também que a iniciativa teve como objectivo "fazer com que as entidades ligadas à deficiência façam uma reflexão em conjunto sobre este problema".

Jerónimo de Sousa, director do Centro de Reabilitação Profissional de Gaia e orador convidado, na sua intervenção definiu o cenário actual, em termos de desemprego, como sendo o "pior desde a II Guerra Mundial", apontando como principais causas os "factores económicos, demográficos e os novos modos de produção". O convidado não deixou de referir a necessidade de "adaptar os modos de produção à realidade actual em termos tecno-

lógicos" e fez um apelo aos empresários no sentido de "apostarem na criação de emprego como forma de prevenir a exclusão social, que tem como principais consequências o aumento do suicídio, da delinquência e da criminalidade".

A intervenção mais polémica da noite partiu de Silva Fernandes, director de recursos humanos da empresa Salvador Caetano, quando afirmou que "não há emprego mas há trabalho e enquanto tivermos subsídio de desemprego, não temos quem trabalhe". Quanto à questão da deficiência, Silva Fernandes disse ainda que "os deficientes não são uns coitadinhos e podem desempenhar determinadas funções tão bem ou melhor que a pessoa dita normal". Relativamente a esta matéria, um jovem empresário lamentou o facto de nos centros de emprego não haver qualquer distinção entre as pessoas portadoras de deficiência e ditas normais: "há funções que podiam ser desempenhadas por deficientes, mas quando nos dirigimos ao Centro de Emprego, não nos conseguem dizer se a pessoa é deficiente ou não".

O debate terminou ao fim de três horas de discussão e, durante o encerramento, Heitor Carvalheiras lançou um desafio a todas as entidades - incluindo a própria Câmara - para que esta acção "não se fique apenas por palavras". •A.V.

Serviços na Delegação do Porto

SERVIÇOS SOCIAIS

Assistentes: Sónia Aguiar, Rogério Nascimento

SERVIÇO DE ACÇÃO SOCIAL

Segundas Feiras - das 14H00 às 17H00

Quintas e Sextas feiras - das 10H00 às 12H00

Assistentes: Carla Gradim, Isabel Sousa

GABINETE JURÍDICO

Responsável: Dr.ª Manuela Santos

BAR / RESTAURANTE

Almoços: dias úteis e primeiros sábados de cada mês

CONSULTAS SOBRE STRESS DE GUERRA

Médico: Dr. Gustavo Wallenstein

Marcações: Sónia Aguiar, Rogério Nascimento

COMPRA DE VIATURAS COM ISENÇÃO

DE IMPOSTOS

Assistente: Elizabete Couto

CAMPO DE JOGOS

Domingos de manhã. Outras datas: João Coelho

CONTACTOS:

Tel: (02)820403 / (02)820744 Fax: (02)825242

VEÍCULOS A DIESEL AUTOMÁTICOS ISENTOS DE CARTA DE CONDUÇÃO



Evasão

Fabricação e comércio de veículos isentos de carta de condução.
Venda de veículos novos e em segunda mão.
Estrada dos Cardais - 3840 VAGOS
Tel. 034-799 00 50 Fax 034-793 850

Contactar ADFA - Alberto Pinto
tel. 01-757 05 02/83 ou 01-7

Conferências de História

NO AMBITO das comemorações do aniversário da ADFA, realizou-se de 2 a 6 de Junho, na sede da Associação em Lisboa, um ciclo de conferências intitulado "Semana da História de Portugal", com a participação de oradores convidados, numa iniciativa que foi divulgada por várias universidades de Lisboa. A cada sessão, com início às 21 horas, foi dedicada uma etapa do passado do país, nomeadamente: Pré-História, História Medieval, História Moderna, Expansão/Descobrimentos e História Contemporânea. •

Almoço de aniversário

OS ASSOCIADOS de Paredes e Passos de Ferreira comemoraram no dia

29 de Maio a passagem de mais um aniversário. Os participantes reuniram-se junto à Câmara Municipal de Paredes de onde - depois dos abraços de quem já não se vê há algum tempo - partiram para o restaurante. Após o almoço foram focados alguns dos problemas com que os deficientes de debatem no dia a dia, bem como e as questões reivindicativas da Associação. Os órgãos sociais da Delegação do Porto estiveram presentes e apelaram ao espírito associativo e à união dos sócios em torno dos grandes objectivos que pautam a acção da ADFA. •

Tempo de serviço

NO DIA 14 de Junho, um grupo de associados reuniu-se com elementos da Delegação do Porto juntamente

com Catarino Salgado, membro da Direcção Nacional e representante da ADFA no Conselho Consultivo. Em debate esteve a questão da contagem do tempo de serviço para efeitos de aposentação. Os associados reivindicam para a contagem do tempo de serviço os anos que trabalharam na Função Pública antes do cumprimento do Serviço Militar Obrigatório, e o próprio tempo de Serviço Militar, o que, segundo a legislação actual, não acontece. Catarino Salgado comprometeu-se a levar o assunto para a mesa das negociações com o Ministério da Defesa Nacional já na próxima reunião do Conselho Consultivo. Por seu lado, os sócios prometeram não descansar "enquanto o problema não estiver resolvido" e enquanto não virem a sua posição "aceite pelo Governo". •

Deficiente discriminado

UM INVISUAL de 22 anos queixa-se de ter sido discriminado pelo porteiro da discoteca Kapital, em Lisboa, na noite de Santo António, por ser portador de deficiência. A vítima afirma que o empregado do estabelecimento lhe impediu a entrada alegando "falta de condições em caso de distúrbio" por ingestão de bebidas alcoólicas em excesso. Segundo o artigo publicado no Diário de Notícias, "acontece muito frequentemente" a selecção de clientes na Kapital, no entanto, já não era a primeira vez que Renato Gonçalves lá tinha entrado. Certo é que, por causa deste incidente, a vítima, finalista de direito na Universidade Nova de Lisboa está disposta a recorrer à justiça no sentido de salvaguardar os seus direitos. •

Revista de Imprensa



Público

30 de Maio de 1997

"O Centro Regional de Segurança Social do Norte está a proceder a uma reestruturação dos estabelecimentos de Educação Especial. A ideia é fazer com que maior parte dos deficientes que ali se encontram passem a frequentar o ensino regular. A medida recai sobretudo nos deficientes com idade entre os seis e os 12 anos, de forma a libertar recursos humanos e materiais para outro tipo de serviços."

(...) Os pais é que não estão a gostar desta 'mudança de filosofia

(...) receiam que os seus filhos sejam pura e simplesmente 'despejados' nas escolas, muitas delas sem condições ou pessoal de apoio suficiente e capaz de dar a assistência necessária"

Expresso

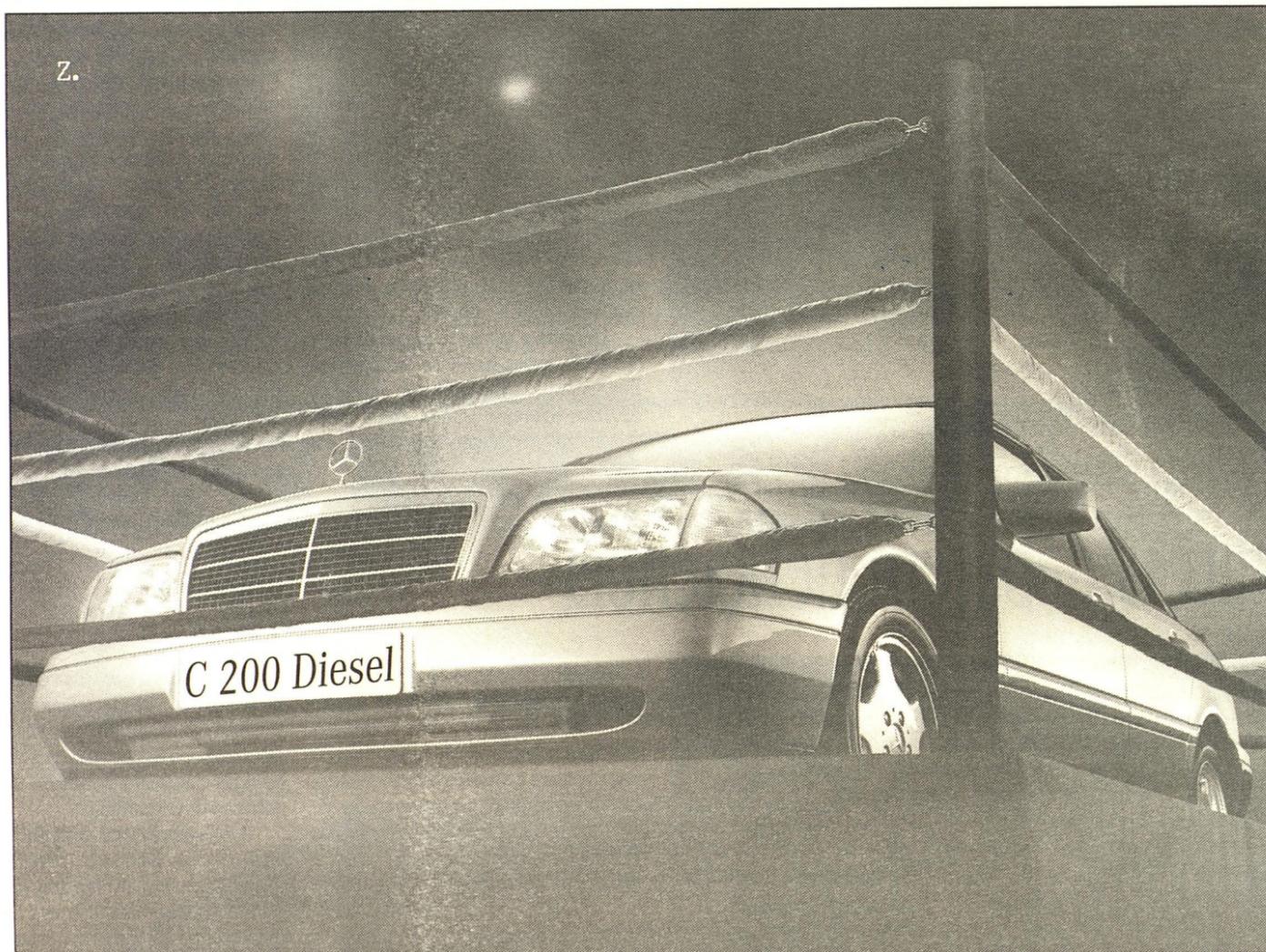
13 de Junho de 1997

"Os deficientes das Forças Armadas estão 'revoltados', acusando o Governo de publicar um decreto-lei que 'discrimina' militares feridos em combate, ao diferenciar oficiais do quadro permanente e milicianos. A ADFA alega que o executivo não cumpriu 'as esperanças que transmitiu aos portugueses em termos de solidariedade com os mais desfavorecidos'."

Diário de Notícias

21 de Junho de 1997

"O ministro da Defesa, António Vitorino, decidiu dar um novo passo no caminho da reestruturação das Forças Armadas e da sua subordinação à administração do Estado. sua atenção está neste momento direccionada para o Sistema de Saúde Militar e, como já não acredita na capacidade das Forças Armadas para o gerir, assinou um despacho em que chama a si essa competência."



Novo motor C200 Diesel. 4 válvulas e 88 cavalos prontos para o que der e vier.

► A Mercedes-Benz preparou para o mercado nacional um motor diesel de combate. Um motor exclusivo para o nosso mercado que já deu no passado grandes provas nas estradas portuguesas. É o regresso do agora musculado motor de dois litros com 88 cavalos que equipa os modelos C 200D e C 200D Station.

► Não é de agora que a Mercedes-Benz ganha por "Knock-out" o campeonato de motores diesel. A técnica de 4 válvulas, desenvolvida pela engenharia Mercedes-Benz vem exibindo, ao longo de vários anos, vantagens que deixam a concorrência "K.O.": um elevado binário em toda a gama de rotações, uma maior potência, redução em cerca de 15% de emissão de gases de escape e garantia de maior longevidade.

► Mas o dado mais importante é a economia. É que estes novos modelos da Mercedes consomem 6,8 litros aos 100 Km (a uma velocidade média de 120 Km/h), tornando-se num verdadeiro tormento para os gasolineheiros.

Classe C Limousine e Station
Desde 4.638 contos
(sem impostos)

Venha vê-lo no Concessionário



MERCAUTO, LDA.

Rua de Campolide, 437 (sete Rios), 1070 Lisboa
Salão de vendas: Tel.: 726 47 60 • Recepção de veículos: 726 90 58
Venda de peças: Tel: 726 34 34 • Fax: 726 94 88
Geral: Tel.: 726 25 65 • Fax: 726 94 90
Salão de vendas aberto aos Sábados.

Novos serviços médicos da ADFA apostam na qualidade

Uma clínica para o futuro

Nuno Crespo (texto)
Farinho Lopes (fotos)

A funcionarem desde o início de Junho, os novos serviços médicos da ADFA representam a continuação e o aprofundar de um projecto que há cerca de 18 anos deu os primeiros passos. Através de um simples telefonema, associados e familiares têm ao seu dispor médicos e técnicos especializados em áreas que vão da Fisiatria à Estomatologia. Um projecto inovador que pretende ser uma alternativa credível ao actual Sistema de Saúde Militar.

A história dos serviços médicos da ADFA começa na antiga Sede da Associação, no Palácio da Independência, quando há cerca de 18 anos se iniciaram as primeiras consultas de Clínica Geral e Psiquiatria. Na altura, ainda os deficientes das Forças Armadas não tinham direito às ADM (Assistência na Doença aos Militares) e como tal era necessário prestar assistência médica àqueles que, em consequência do cumprimento do dever militar, precisavam de um apoio médico que não existia.

Com a nova Sede, iniciou-se uma nova etapa nos serviços clínicos da Associação uma vez que o edifício construído proporcionou outras condições. Aos poucos e poucos foram-se criando mais especialidades, mais serviços, e, naturalmente a procura dos serviços também aumentou. No entanto, e apesar de tudo o que tinha sido feito, era necessário dotar os serviços clínicos da ADFA de ainda melhores condições. Com o fim das obras numa das áreas do edifício Sede, na Avenida Padre Cruz, foram criadas as condições ideais para o sucesso definitivo dos serviços clínicos da Associação.

Apesar de actualmente, o panorama ser diferente daquele que, há quase 20 anos, motivou o começo das consultas médicas, persistem ainda hoje nos serviços de saúde militares situações mais do que suficientes, para preocuparem os dirigentes da ADFA. Para Lopes Dias, da Direcção Nacional, existem dois motivos de fundo que justificam o esforço da Associação na criação de um serviço clínico próprio. Primeiro porque devido "às falhas do actual Sistema de Saúde Militar era preciso oferecer alternativas aos sócios". "Segundo porque não basta que exista um serviço médico é necessário que este tenha qualidade".

Também preocupado com o sistema de saúde das Forças Armadas está o ministro da Defesa, António Vitorino, que recentemente assinou um despacho no sentido de passar a ser o Governo a fazer a gestão do sistema de saúde, transferindo para o seu ministério competências até agora do Exército, Marinha e Força Aérea, à semelhança do que já acontece em alguns países da NATO, como por exemplo, Canada, França, Itália e Reino Unido,



Análises clínicas: um dos serviços mais procurado pelos associados

países onde a definição da política de saúde militar é da competência do Ministro da Defesa.

O projecto de despacho elaborado pelo ministro, após estudos da Direcção-Geral de Pessoal e da Inspeção-Geral das Forças Armadas, e entregue

aos chefes dos três ramos das Forças Armadas em 16 de Abril, diz que foram "identificadas vulnerabilidades preocupantes", no Sistema de Saúde Militar apontando a unificação deste "com a gestão centralizada num órgão autónomo e independente dos ramos" como

uma das soluções para a actual situação.

A reestruturação do serviço de saúde das Forças Armadas que agora se avizinha já havia sido tentada anteriormente, por o então Presidente da República e chefe do Estado-Maior-Ge-

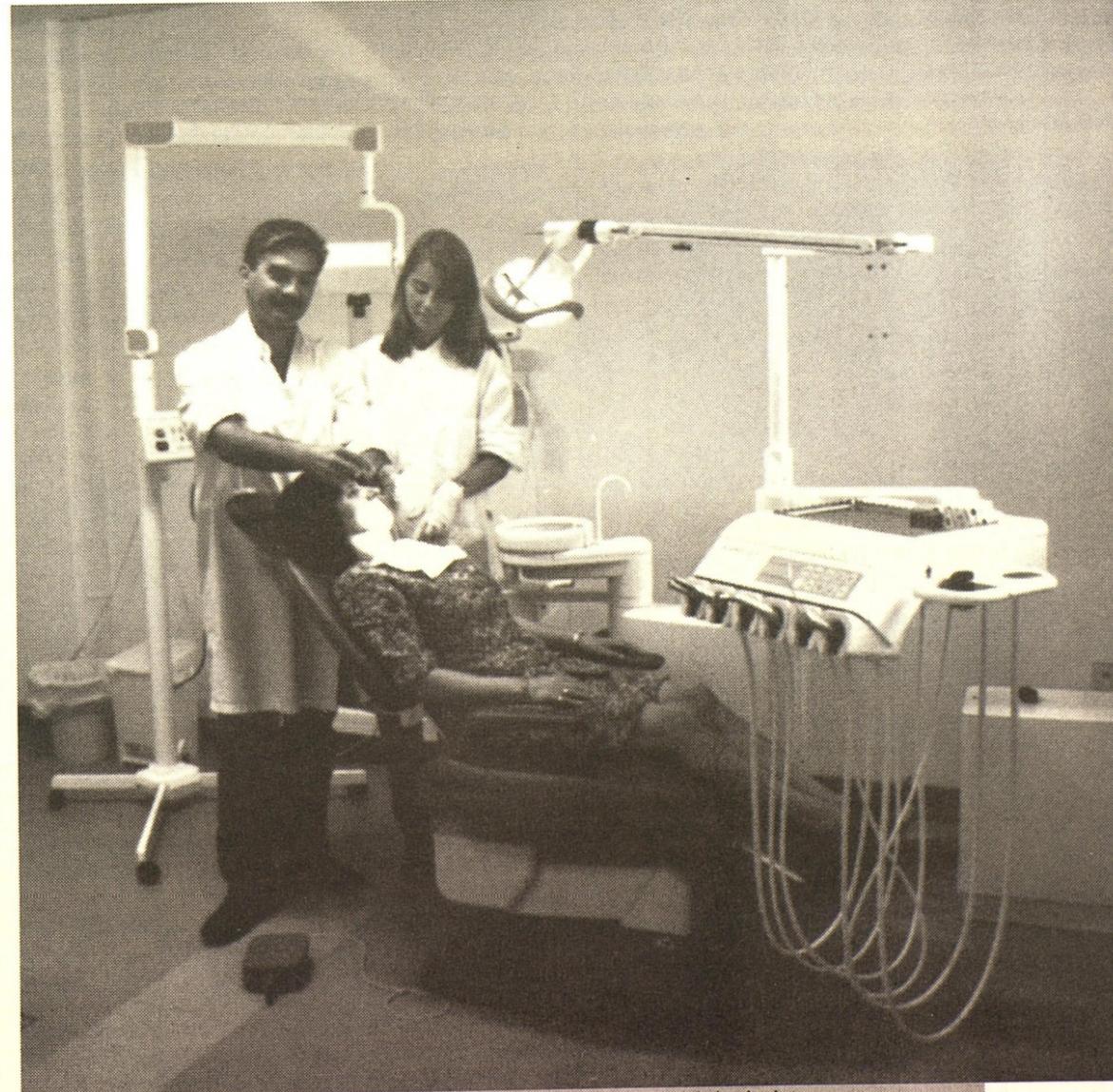
neral das Forças Armadas, Ramalho Eanes numa directiva assinada em 1976 onde referia "a necessidade urgente de se proceder à reestruturação dos Serviços de Saúde Militar". Uma reestruturação que passava entre outras medidas pela integração dos serviços de saúde dos três ramos das Forças Armadas num só serviço.

Alternativa forçada

Face à ineficiência do actual Sistema de Saúde Militar, a ADFA viu-se obrigada a criar alternativas para os seus associados que, com idades compreendidas entre os 45 e os 60 anos, precisam cada vez mais de um conjunto de serviços médicos que dificilmente encontram fora da Associação.

Podem recorrer aos serviços clínicos da ADFA todos os associados e familiares abrangidos pelas ADM's, bem como os funcionários da Associação, bastando um simples telefonema para marcar consulta. Com uma média diária de 17 utentes, a clínica da ADFA tem actualmente as seguintes especialidades: Urologia, Estomatologia (a mais procurada até ao momento), Fisiatria, Clínica Geral, Psiquiatria, Stress de Guerra, Acupunctura, Análises Clínicas, Serviço Protésico e, a partir de 16 de Julho, Gastrenterologia.

Apesar do já grande número de sócios que diariamente recorre aos serviços clínicos, os responsáveis da Associação acreditam que nos próximos tempos a adesão será ainda maior. Mesmo as especialidades mais recentes como Fisiatria ou Estomatologia têm já uma grande procura da parte dos sócios. No dia em que o ELO visitou a clínica da ADFA, dois associados vinham à consulta de Estomatologia pela primeira vez mas ambos garantiram que "se gostassem do médico e do atendimento" com certeza que voltariam mais vezes. •



Estomatologia: uma das mais recentes especialidades da clínica

SERVIÇOS MÉDICOS E PSICOSSOCIAIS

CLÍNICA GERAL

médico: Dr. Fernando Brito,
2ª feira - 13H00 5ª - 13H15

PSIQUIATRIA

médico: Dr. José Tropa
6ª feira - 14H30

UROLOGIA

médico: Dr. Paulo Vale
2ª feira - 17H00

GASTROENTEROLOGIA

médico: Dr. Raúl Vieira dos Santos
Julho dia 16 - 10H00
Julho dia 30 - 9H30

FISIATRIA

médico: Dr. Barros Silva
3ª feira - 14H00

ANÁLISES CLÍNICAS

6ª feira - 9H00 às 10H00

ACUPUNCTURA

especialista: cmdt Araújo de Brito
2ª, 3ª e 5ª feira das 10H30 às 13H00

ESTOMATOLOGIA

Drº Luis Pedro Pinto Matias
2ª feira das 9H00 às 13H00
3ª feira das 10H00 às 14h00
5ª feira das 9H00 às 13H00

Marcações: Elizabete Couto

SERVIÇO PROTÉSICO

médico: Dr. Carlos Emídio Augusto Lopes
4ª feira - 9H00

PSICOLOGIA CLÍNICA

E STRESS DE GUERRA

Drª Teresa Infante
Todos os dias

Marcações: com a própria

APOIO AOS SÓCIOS

GABINETE JURÍDICO

Dr. António Carreiro
3ª e 5ª feira
das 14H00 às 18H00

Marcações:

Helena Afonso

SERVIÇO DE ACÇÃO SOCIAL

Drª. Judite Cordeiro

2ª, 4ª e 6ª

até às 17H00

Marcações:

Secretaria

SECRETARIA/ATENDIMENTO

(Ver Horário e Telefones)

HORÁRIO

Expediente

09h00 às 18h00

Intervalo de Almoço

12h30 às 14h00

Serviço de Almoço

Segunda a Sexta,
das 12h30 às 14h30

Serviço de Bar

Segunda a Sexta,
das 9h00 às 19h00

TELEFONES

Solicita-se a todos os associados
que façam as marcações das consultas, com
antecedência, pelos telefones:

7570502 / 7570583

7570422 / 7570645

7570702 / 7570781

VENDA DE AUTOMÓVEIS

VOLKSWAGEN E AUDI

MODELO	P.BASE	P.V.P.
Gama Polo		
FOX 1.0 4P	1.489.886.00	2.000.460.00
BAND 1.0 4P	1.687.835.00	2.232.060.00
3 Volumes 1.4	1.989.355.00	3.013.198.00
3 Volumes 1.9 D	2.228.319.00	4.171.936.00
Gama Golf		
JOKER 1.4 3P	1.977.021.00	2.998.767.00
CLD 1.9 4P	2.144.468.00	4.073.830.00
JOKER TDI 1.9 4P	2.825.427.00	4.870.552.00
JOKER TDI Autom.	3.054.461.00	5.138.522.00
VAR Special 1.4	2.415.487.00	3.511.773.00
VAR CLD 1.9	2.304.484.00	4.261.049.00
VAR Movie TDI 1.9	2.884.387.00	4.939.535.00
VAR TDI 1.9 Special	3.169.643.00	5.273.285.00
GT TDI 1.9	3.442.572.00	5.592.612.00
Gama Vento		
Vento CL 1.4	2.176.720.00	3.232.415.00
Vento CLD 1.9	2.246.137.00	4.192.783.00
Vento GL TDI 1.9	3.176.722.00	5.281.567.00
Gama Passat		
Confortline 1.6	3.282.647.00	4.882.526.00
Confortline 1.9 TDI	3.384.943.00	5.525.185.00
Confortline Top 1.9 TDI	3.820.628.00	6.034.937.00
Confortline Top EC 1.9 TDI	4.052.227.00	6.305.908.00
Confortline Aut. TDI	3.619.522.00	5.799.643.00
Audi		
Attraction A4 1.9 - 90 cv	3.936.066.00	6.170.000.00
Attraction A4 1.9 - 110 cv	4.329.229.00	6.630.000.00
Attraction A4 EC 1.9 - 110 cv	4.542.904.00	6.880.000.00
Sport A4 1.9 - 110 cv	4.824.955.00	7.210.000.00
Avant A4 1.9 - 110 cv	4.642.195.00	6.995.000.00
A6 1.9 TDI	4.974.528.00	7.385.000.00

SEAT

MODELO	P.BASE	P.V.P.
Seat Ibiza Comercial		
1.9 D Latino	1.855.615.00	2.484.031.00
1.9 TD Crono JLL	2.077.861.00	2.744.058.00
1.9 TD Crono JLL+ AC	2.266.750.00	2.965.058.00
1.9 TD Crono JLL+TA	2.325.733.00	3.034.069.00
Seat Ibiza 3 Portas		
1.0 SXE DA	1.734.472.00	2.286.628.00
1.4 Crono DA+JLL	1.728.035.00	2.707.454.00
1.9 D SE	1.942.794.00	3.837.871.00
1.9 TD SXE	2.302.175.00	4.258.347.00
Seat Ibiza 5 Portas		
1.4 Crono DA+JLL	1.728.035.00	2.707.454.00
1.9 D SE	2.019.717.00	3.927.871.00
1.9 TD SXE	2.379.098.00	4.348.347.00
Inca 2 Lugares		
1.9 D Van	1.732.447.00	2.339.924.00

VOLVO

MODELO	P.BASE	P.V.P.
1.9 D Van VE+FC	1.809.369.00	2.429.923.00
Cordoba		
1.4 Silhouette DA	1.828.502.00	2.825.000.00
1.9 TDI GT	2.775.523.00	4.812.164.00
1.6 SX Coupé	2.261.102.00	3.687.319.00
Alhambra		
1.9 TDI SE AC+2AB+AL	4.389.669.00	5.371.188.00
1.9 TDI SXE Climatonic	4.693.071.00	5.726.168.00
Toledo		
1.6 GT	2.519.803.00	3.990.000.00
1.9 TDI GT-110cv	3.353.648.00	5.488.571.00
AB2+ABS+TAE		

VOLVO

MODELO	P.BASE	P.V.P.
S40 1.6	3.478.916\$00	5.100.000\$00
V40 1.6	3.649.857\$00	5.300.000\$00
S40 1.8	3.693.912\$00	5.600.000\$00
V40 1.8	3.864.852\$00	5.800.000\$00
S40 2.0	4.012.692\$00	6.350.000\$00
V40 2.0	4.183.633\$00	6.550.000\$00
S40 TD	3.820.830\$00	5.990.000\$00
V40 TD	3.991.770\$00	6.190.000\$00
S70 GLE	4.813.933\$00	7.350.000\$00
V70 GLE	5.070.344\$00	7.650.000\$00
S70 GLT	5.711.369\$00	8.400.000\$00
V70 GLT	5.967.779\$00	8.700.000\$00
S70 T5	6.325.005\$00	9.700.000\$00
V70 T5	6.581.416\$00	10.000.000\$00
S70 TDI	5.943.195\$00	9.500.000\$00
V70 TDI	6.199.605\$00	9.800.000\$00
S70 R	7.777.997\$00	11.400.000\$00
V70 R	8.034.407\$00	11.700.000\$00
S90 3.0	5.134.111\$00	9.700.000\$00
V90 3.0	5.390.522\$00	10.000.000\$00

MAZDA

MODELO	P.BASE	P.V.P.
3HB ZFOS EBB (BASE)	1.358.144\$00	3.804.000\$00
5HB ZFIO EBA (BASE)	1.418.828\$00	2.036.000\$00
3HB ZFOS EBC (PACK I)	1.496.605\$00	2.107.000\$00
5HB ZFIO EAK (PACK I)	1.557.289\$00	2.198.000\$00
3HB ZFOS EAM (PACK 2)	1.804.298\$00	2.269.000\$00
5HB ZFIO ECY (PACK 2)	1.864.982\$00	2.558.000\$00
3 HB BG3B EAN	1.973.777\$00	2.629.000\$00
3 HB BG3B EAP	2.150.700\$00	2.892.000\$00
3 BB BG3B EAQ	2.159.247\$00	3.099.000\$00
323 SDN 1.3 BG2N EAG	2.185.743\$00	3.140.000\$00
323 SDN 1.3 BG2N EAJ	2.313.948\$00	3.290.000\$00
323 COUPE 1.5 BG3A EAN	2.352.683\$00	3.622.000\$00
323 COUPE 1.5 BG3A EBA	2.391.145\$00	3.667.000\$00
323 F 5HB 1.5 BG3K EAN	2.379.179\$00	3.653.000\$00
323 5HB F 1.5 BG3K EAP	2.508.239\$00	3.804.000\$00

VENDA DE AUTOMÓVEIS

323 F 5HB 1.5 BG3K EAR	2.585.162\$00	3.894.000\$00
323 F 5HB(2.0) V6 BG3J EAT	3.538.026\$00	5.888.000\$00
MX-3 (1.6)	3.071.160\$00	4.652.000\$00
MX-3 (1.8)	3.332.571\$00	5.387.000\$00
MX-5 (1.6)	3.201.930\$00	4.805.000\$00
MX-5 (1.6)	3.278.853\$00	4.895.000\$00
MX-5 (1.6)	3.347.229\$00	4.975.000\$00
XEDOS 6 (1.6)	3.791.673\$00	5.495.000\$00
B2200 P/UP STD		2.572.000\$00
B2500 P/UP 4x2UG71		
EAB (Chassis Cabine) STD		2.624.000\$00
B2500 P/UP 4x2 EAC		
(c/ Caixa metálica) STD		2.824.000\$00
B2500 P/UP 4x2 UG74 EAS		
(Chassis Cabine) DX		3.098.000\$00
B2500 P/UP 4x4 UG76 EAA		
(Chassis Cabine) S-DX		3.690.000\$00
B2500 P/UP 4x4 UG76 EAB		
(c/ Caixa metálica) S-DX		3.890.000\$00
E2200 P/UP F/L SF78 LBS STD		2.730.000\$00
E2200 PNAN F/L SF68 LCP STD		3.340.000\$00

FIAT

MODELO	P.B	P.V.P
Cinquecento S	1.084.858.00	1.493.336.00
Cinquecento Sport.	1.228.220.00	1.814.145.00
Panda 899	1.020.072.00	1.448.536.00
Punto 55 S 3P	1.272.664.00	1.866.144.00
Punto 55 S 5P	1.328.220.00	1.931.145.00
Punto 75 SX HSD 3P	1.768.995.00	2.544.996.00
Punto 75 HSD 5P	1.823.696.00	2.608.996.00
Punto ELX TDS 3P	1.738.078.00	3.294.339.00
Bravo 1.4 3P	1.818.906.00	2.819.024.00
Bravo 1.6 SX 3P	2.188.637.00	3.618.211.00
Bravo 1.4S 5P	1.883.094.00	2.894.124.00
Bravo 1.9 DS 5 5P	1.996.318.00	3.997.831.00
Bravo 1.9 TDS ELX 5P	2.416.131.00	4.456.000.00
Marea 1.4 SX	2.182.410.00	3.244.324.00
Marea 1.6 ELX		
(Caixa Automática)	2.652.825.00	4.161.311.00
Marea 1.9 TDS ELX	2.605.020.00	4.677.000.00
Marea Weekend 1.6 ELX		
(Caixa Automática)	2.607.526.00	4.108.611.00
Marea Weekend		
1.9 TDS ELX	2.752.883.00	4.850.000.00
Ulysse 1.9 TDs	4.670.034.00	7.084.380.00

RENAULT

MODELO	P.BASE	P.V.P.
Twingo	1.274.204.00	1.880.000.00
Twingo Pack	1.368.221.00	1.990.000.00
Clio RL 1.2 3P	1.297.281.00	1.907.000.00
Clio RTI 1.4 3P	1.625.916.00	2.610.000.00
Clio RL 1.2 5P	1.355.400.00	1.975.000.00

VENDA DE AUTOMÓVEIS

Clio RN 1.2 5P	1.496.426.00	2.140.000.00
Clio RN 1.4 5P	1.668.651.00	2.660.000.00
Clio Bocaré 1.4 5P	2.450.703.00	3.575.000.00
Megane		
Megane RL 1.4	1.873.328.00	2.905.000.00
Megane RN 1.4	2.044.268.00	3.105.000.00
Megane RT 1.4	2.245.123.00	3.340.000.00
Megane RT dT	2.575.058.00	4.560.000.00
Megane Classic		
Megane RN 1.4	2.087.003.00	3.155.000.00
Megane RN 1.6	2.179.833.00	3.625.000.00
Megane RT 1.9 dT	2.626.340.00	4.620.000.00
Megane Scenic		
Megane 1.4	2.292.131.00	3.395.000.00
Megane 1.9 TD	2.929.759.00	4.975.000.00

VIATURAS EQUIPADAS COM CAIXA AUTOMÁTICA

Clio RT 5P	1.974.463.00	2.986.880.00
Megane RT 1.6 Gasolina	2.725.388.00	4.226.496.00

OPEL

MODELO	P.BASE	P.V.P.
Eco 1.2 5P	1.269.361.00	1.951.000.00
Eco 1.2 3P	1.212.951.00	1.855.000.00
Swing 1.2 5P	1.512.096.00	2.235.000.

Responsável do novo serviço de saúde na ADFA explica origens da terapia com agulhas

Acunpuctura?!

PERGUNTARÃO OS leitores do ELO, o porquê dos pontos de interrogação e de exclamação no fim desta palavra. Há sempre uma justificação. Tal como o material tem sempre razão, não se deve chamar "rosca" a um hélice, nem "corda" a um cabo, nem "espada" a um sabre.

Quando os nossos, e outros, missionários chegaram à China, viram que os "nativos" usavam picar os doentes com umas agulhas de ouro de prata e até doutros metais, e que... todos alinhavam naquilo! Até o Imperador e as suas concubinas iam nisso! E o mais espantoso é que o "picador" usava mais uns truques, tais como queimar uma planta em pó em certos sítios dos doentes, ou ventosas (com ou sem ervinhas lá dentro), tisanas, xaropes de animais e até minerais, fazia cirurgia, era capaz de tratar os homens e as bestas, etc., etc.

Para o bom do missionário que acreditava nas sangrias do barbeiro-cirurgião, ou das boas sanguessugas, no entanto nada se comparando a uma boa tisana, ou a um vinhinho quente, aquilo era obviamente arte do demo!

Mas o que os mais espantou foi que os tais "picadores" só recebiam pagamento de quem estava bem de saúde, e logo que um "nativo" adoecia, lá se ia o cabedal.

Grave, grave era o caso dos picadores imperiais, pois que ao haver bronca na saúde da corte, o que melhor podia ocorrer era a expulsão com ignomínia, pois que na maioria das vezes lá se ia, não o cabedal mas o "coiro" do tal "feiticeiro".

Havia que dar um nome "àquilo". Nome latino já se vê, pois que lá por eles fazerem aquelas tropelias havia mais de 5 mil anos, e de lhe chamarem outra coisa, de nada lhes valia, não é verdade?

Além de amarelos, não eram cristãos e a sua algaraviada nada significava nas línguas civilizadas da Europa, nem se assemelhava ao latim. E

zás. Acu + punctura. Punctura com agulhas. Esqueceram ou ignoraram, a maior parte destes piedosos homens, que aquele "tratamento" fazia parte duma enorme gama de acções terapêuticas e um conhecimento energético espantoso do Homem. E quando os "chins" lhes diziam que aquela "medicina" teria sido dada aos homens pelos "filhos do reflexo celeste", então o caso era muito mais grave a ser estudado pela Santa Inquisição.

Portanto, meu caro leitor, na verdade não há "acupunctura" no sentido em que normalmente se lhe dá no vocabulário corrente. Não se picam os "nervos", como não se "queima o nervo da orelha".

Há o que se chama a Medicina Tradicional Chinesa, velhinha de 5 mil anos e sempre actual, estudada e ensinada em muitas Universidades estatais, onde para além do conhecimento do corpo humano "à ocidental" se conhece profundamente a circulação energética que todos nós temos enquanto vivos.

Imagine o caro leitor que é o melhor mecânico e metalúrgico do mundo, mas que desconhece que o seu carro tem bateria e circuitos eléctricos. Será capaz de compreender a combustão ou até compreender para que servem as velas?

Complicando um pouco mais. O leitor tem um computador em casa, percebe tudo do hardware, mas desconhece em absoluto a função dos circuitos integrados e do software. Para que é que lhe serve o computador, se alguém resolver "trocar-lhe as voltas"?

E saber alguma coisa da tal "acupunctura", é saber picar e meter agulhas onde não haja perigo?

Lá estavam os nossos amigos missionários espantados. Aquilo metia leis, que até eram certas, mas que ninguém lhes ligava na Europa. Aquilo tinha uma complexidade enorme que levava um tempão a perceber. Aquilo eram centenas de pontos do

corpo e cada ponto servia para mais do que uma coisa. Aquilo tinha a ver com a maneira de pôr e de manobrar a agulha. Um ror de coisas, só Deus saberia. Lá que metessem uma agulha e a dor se fosse, ainda vá que não vá. Mas tratar doenças?!

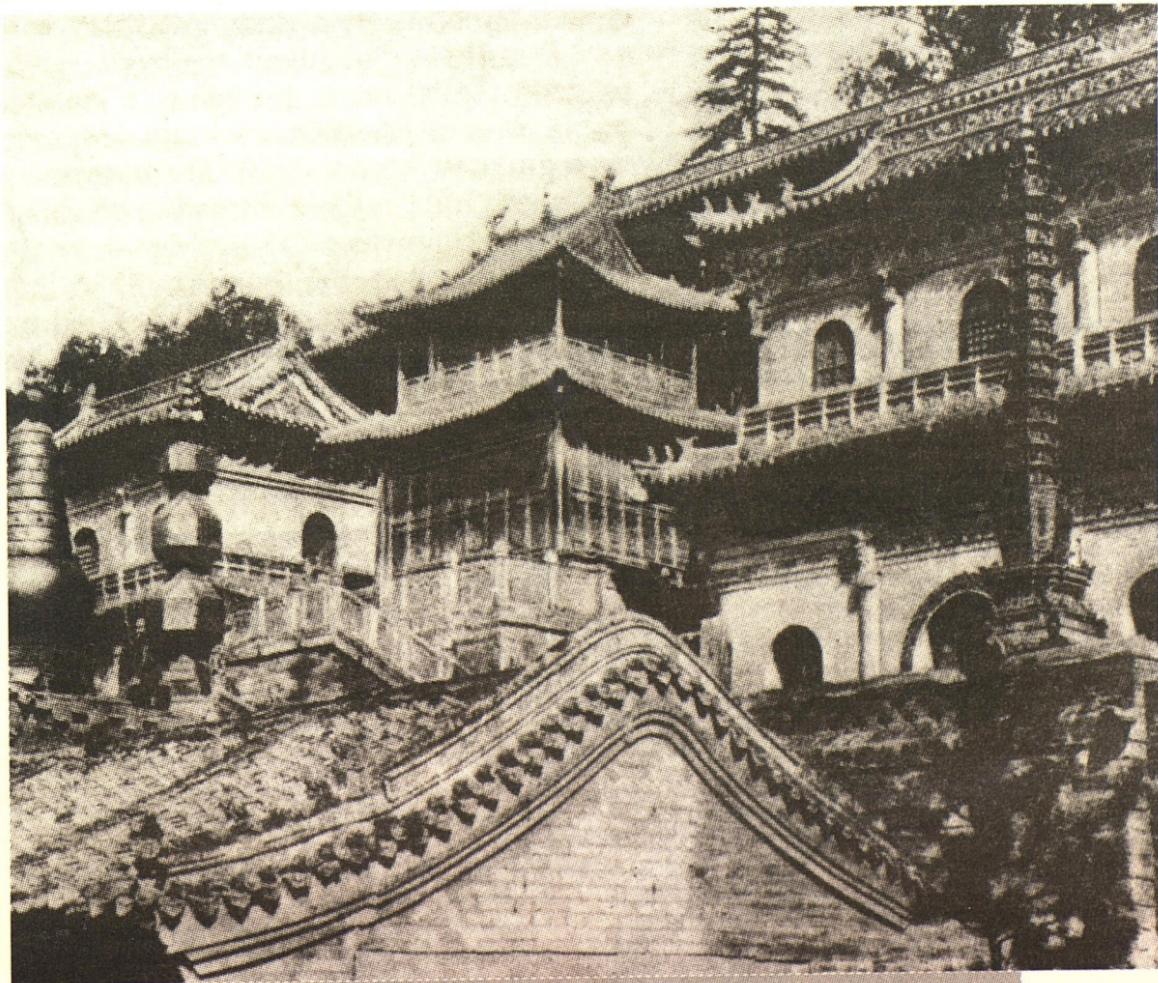
E quando as doenças eram daquelas que tinham a ver com os ensandecidos, ou com os que estavam com o "mal sagrado", ou ainda as tristezas, as ânsias, as iras, e tantas outras quejandas?

Coisas do demo, certamente, porque os "chins" não poderiam ter conhecimentos para tanto.

Mas hoje meu caro leitor, os bons dos nossos, por vezes heróicos, missionários, já assim não pensam. Já sabem o que é a Medicina Tradicional Chinesa, já a sabem praticar, já em alguns casos são humildes peritos, comparáveis aos melhores mestres orientais. Compreendem que as leis fundamentais que regem aquela Medicina têm a ver directamente com a Física Quântica e com as leis do Universo. Que esta vertente da Medicina difere da Ocidental como um mecânico ou um químico diferem nos seus conhecimentos dum electrotécnico. Que para haver uma optimização da colocação duma agulha "tem" que se seguir um enorme conjunto de regras que vão ao ponto de incluir a Estação do ano, a hora do dia, e muitos mais factores. Que cada indivíduo é um caso único de particularidade de um todo. Que estão a interferir num ou mais circuitos electromagnéticos do corpo humano de que numa grande parte depende a saúde física e mental do indivíduo. Sabem que a Medicina Tradicional Chinesa e a Medicina Ocidental são, como outras, dedos da mesma mão (não são iguais, mas todos desempenham funções indispensáveis) e que como tal, se bem utilizadas por quem está preparado para isso, só trarão benefício para quem sofre. •

Araújo Brito

江上海之西雨係老夫余睡起未送家信思
報新筆畫一出披衣看嫩枝 孔德丁丑
衡老 幸學長人留作 叔物 己人鄭燮



A Acunpuctura teve origem na China há cerca de cinco mil anos



Elemento da Direcção Nacional faz retrospectiva em nome da solidariedade

Os desafios futuros da Associação

HÁ JÁ ALGUM tempo que se discute no seio da nossa Associação o que se pretende que ela seja no futuro. Obviamente que o modelo e o caminho a seguir surgirão necessariamente da vontade de todos os sócios, só assim será possível o êxito de qualquer projecto, seja ele de manutenção ou de mudança.

Definitivamente interessa dizer que a Associação é hoje aquilo que os sócios puderam, souberam ou quiseram que ela fosse ao longo dos seus 23 anos, portanto, todos nós (sócios, sem excepção) somos os culpados das coisas boas e das coisas más que aconteceram durante o percurso da sua existência, mas parece-me, contudo, que o saldo é francamente positivo.

Se estivermos atentos aos ventos de mudança que sopram em todas as sociedades ocidentais, e não só, verificamos que a figura do Estado Providência entrou em colapso, em falência. Os sinais são óbvios e num futuro bem próximo ou se tem "poder" Associativo, Económico e Financeiro — para se

poder ser solidário e perseguir os nobres objectivos dos nossos estatutos —, ou então ficaremos pelo caminho.

Solidariedade de boca não chega

Poderá ser polémica esta ideia mas, de facto, a solidariedade não é "unidade de conta" e como tal, não dá para comprar as batatas, o arroz, o bacalhau ou tudo aquilo com que se pratica a solidariedade activa.

Necessitamos de ser solidários para com os nossos camaradas africanos (e não só), que vão definhando por Angola, Guiné ou Moçambique. Obviamente que o somos no aspecto institucional ou, mais grosseiramente, de boca e o resto ... será que a TAP nos vai dar os bilhetes para quando necessitarmos irmos lá a baixo? Será que a solidariedade nos vai pagar os projectos necessários ao apoio desses camaradas? Os investimentos na área de apoio clínico aos sócios fazem-se só com a solidaria-

de? A construção dos centros de férias e lazer faz-se só com solidariedade? A construção de lares, que a breve prazo iremos necessitar, faz-se só com solidariedade? Apoio aos sócios, em situação de carência, faz-se só com solidariedade?

Estamos, custe-nos ou não a admitir, (entre os 44 e os 60 anos de idade) com uma expectativa de vida em tempo, há volta dos 240 meses. Só o facto de ter convertido os anos em meses me arrepiava, mas é a realidade. Uns dirão, então se é assim que se lixe, vou tentar passar o melhor possível o tempo que me resta e quem vier atrás que feche a porta. Estou convencido que não é este o pensamento da esmagadora maioria de nós, isto porque somos solidários e acreditamos que ainda há muito para fazer. As notícias de pré-falência de outras Associações congéneres estão na ordem do dia.

Se não soubermos aproveitar todos os potenciais da nossa Associação seremos também notícia a curto

prazo. Mas, como também soubemos ao longo dos tempos encontrar a melhor resposta aos grandes problemas que nos surgiram, também agora, estou convencido, saberemos encontrar a melhor solução. Talvez seja mais simples encontrarmos o caminho e entrarmos na reflexão do problema, pela análise etimológica (origem) da palavra solidário. Ela vem do Latim "solidu", ou seja, sólido (para o português), assim; sólido é qualquer coisa que tem forma própria, que é firme, consistente, seguro e duradouro, portanto, se queremos ser solidários temos que ser tudo isto, não só nós (como pessoas), mas também a organização que nos une.

Forma própria, firme e duradoura

Forma própria — Reconhecida, a nossa Associação goza de prestígio e crédito Nacional e Internacional, granjeado ao longo dos 23 anos.

Firme e consistente — Não tem sido a nossa firmeza na luta pela defesa dos nossos direitos e pela dignificação da pessoa humana? Não tem sido a consistência dos valores que defendemos pela força da razão que nos deu forma própria?

Seguro e duradouro — São pois, estes adjectivos que estão em debate. Como ser seguro? Como ser duradouro?

A maneira como entendo ser possível atingirem-se estes objectivos será pelo bom senso, pela coesão, pela competência pelo rigor pela optimização dos recursos humanos, por uma organização interna que seja capaz de dar as respostas necessárias aos desafios que se apresentam. O sermos capazes de distinguir o acessório do fundamental, os nossos interesses enquanto associados e a Associação em si. O sabermos ser trabalhadores da Associação das 9 às 17 horas, e associados das 17 às 9 horas. •

Carlos Alberto Mendes

Passos importantes dados nos últimos tempos

COM A actual capacidade de endividamento da Associação é impensável levar avante estes projectos (ou outros de semelhante envergadura) sem se recorrer a ajudas no âmbito do QCA II, (segundo Quadro Comunitário de Apoio), que, como todos sabemos, terminará em 1999, ou seja, daqui a dois anos e meio, ou seja, 914 dias, ou seja, 500 dias úteis. Como tal as reflexões e as decisões ou são rápidas, ou...

São estes (alguns) aspectos económicos em que a Associação está empenhada, parecendo-me ser este o caminho onde iremos encontrar o seguro e o duradouro, tendente, como disse atrás, a dar sentido em toda a sua plenitude à palavra solidariedade.

• A nova sede social que nos veio permitir ter um espaço com capacidade de desenvolver, de forma capaz e racional, melhores serviços

aos nossos sócios.

- A revisão estatutária, que apontando objectivos diferente e mais coerentes com os novos tempos relativamente à anterior, veio permitir outro estilo de organização, se bem que neste momento já demonstre algumas fragilidades.
- Os investimentos no sector do apoio clínico aos sócios, resultante da necessidade face ao desinvestimento que se verifica na instituição militar nesta área. Analisado o 1º trimestre de 97 verificamos que temos uma média diária de 17 utentes (só na Sede) com tendência de aumentar significativamente nos próximos tempos, traduzindo-se assim em 3.400 utentes/ano.
- Compra do imóvel em propriedade plena da nossa Delegação em Ponta Delgada, onde se pretende implementar um centro de acolhimento aos nossos sócios das outras ilhas dos

Açores, aquando das suas deslocações à Delegação e também instalar uma oficina de próteses e ortóteses.

- Em negociação a compra em propriedade plena dos terrenos da nossa Delegação do Porto. Esperamos poder levar por diante um velho sonho dos dirigentes desta Delegação que é a construção de um lar e outras valências de apoio aos sócios.
- A possibilidade real da transferência para a gestão da Associação, através da Delegação de Coimbra, de dois parques de Campismo devidamente infra-estruturados, um em Miranda do Corvo e o outro na região de Castelo Branco.
- O projecto ADFA 2000, que se encontra em fase de aprovação, tendente a ampliar as instalações da Sede e assim instalar condignamente a nossa tipografia e haver possibilidades de expansão dos serviços clínicos.

- Projecto de São Bom Homem em Silves, construção de dois núcleos de sessenta camas cada. Mais um núcleo para apoio médico envolvido numas dezenas de hectares para exploração agrícola e pecuária, projecto pioneiro no nosso País e não só.
- Projecto de cooperação entre a ADFA a congénere Angolana, o Estado Português e o Estado Angolano. Projecto que prevê a construção de uma oficina de próteses e ortóteses e área de reabilitação.
- Aguarda à Delegação de Bragança de luz verde por parte do Ministério da Agricultura para entrar em posse temporária de uma casa florestal em Guadramil para os sócios a utilizarem em curtos períodos de férias no Nordeste Transmontano.
- Em fase negocial com a Câmara Municipal de Famalicão a mudança para instalações já escolhidas da nossa Delegação local. • C.A.M.

Sócio da ADFA é instrutor de condução automóvel no Alentejo

Ao volante da determinação

Nuno Crespo

António Mesquita é deficiente das Forças Armadas mas, por falta de legislação, não recebe nenhuma pensão do Estado. O facto de ser amputado do pé esquerdo não o impediu de escolher a profissão que actualmente exerce: instrutor de condução automóvel. No entanto, até poder ensinar a conduzir, ultrapassou vários obstáculos, o mais difícil foi o preconceito da sociedade em relação à deficiência. Hoje, entre aulas e exames, espera por uma lei que lhe altere a condição de deficiente militar "sem nexos de causalidade".



Mesmo com 70 por cento de incapacidade, desde 1982 que António Mesquita ensina a conduzir

Serpa, em pleno Baixo-Alentejo, aproxima-se a hora de almoço e o calor começa a fazer-se sentir. António Mesquita, instrutor de condução automóvel há 15 anos, despede-se dos seus alunos, terminou mais uma manhã de trabalho. Até aqui nada de especial, não fosse o facto deste associado da ADFA ter uma prótese no pé esquerdo resultante de um acidente de viação em Moçambique. Um acidente que apesar de ter acontecido numa situação de deslocação em zona de guerra, ou seja, durante o cumprimento do dever militar, não é abrangido por nenhuma da legislação existente. O que faz com que António Mesquita não receba qualquer tipo de pensão por causa da sua deficiência, uma situação que espera que a Associação não deixe de tentar resolver pois "são muitos os deficientes militares considerados sem nexos de causalidade".

Nascido há 44 anos, em Trás-os-Montes, o ex-militar decide emigrar para África no início dos anos 70, porque "tinha lá família". Em Moçambique, trabalha durante dois anos na barragem de Cahora-Bassa até ser chamado para cumprir o serviço militar obrigatório no Regimento de Infantaria de Boeme. António Mesquita conta que estava na tropa há poucos meses quando chega uma grande incorporação de soldados vindos de Portugal que obriga alguns homens a dormir em casa: "como havia falta de camas no quartel, as chefias militares decidiram que todos aqueles que moravam perto passavam a ir dormir a casa".

Na manhã do dia 21 de Fevereiro de 1973, numa das vezes que regressava ao quartel o associado tem um acidente quando um veículo, que circulava em sentido contrário - fora de mão -, embate contra si provocado-lhe 70 por cento de incapacidade permanente. É precisamente a partir desta altura que António Mesquita fica entregue aos cuidados da "instituição militar". Porque a indemnização do seguro do acidente foi tratada entre a tropa e o civil, o acidentado nunca chegou a saber o destino da compensação monetária a que tinha direito. É com alguma amargura que recorda esse período: "depois

do acidente, não pensava no dinheiro do seguro tinha coisas mais importantes com que me preocupar". No final do processo, além de não ter recebido qualquer indemnização, ainda teve que passar pelo ridículo de pagar ao Exército o sapato que perdera durante o acidente.

Após o desastre, António Mesquita passa cerca de um ano em hospitais, primeiro num hospital civil mais tarde no Hospital Militar de Lourenço Marques. Dessa época difícil guarda algumas boas recordações, pois é durante o tempo que está no hospital militar que conhece a enfermeira Elizabete Bailão, mulher com quem acabaria por casar algum tempo mais tarde na África do Sul.

Quando regressa a Portugal, em Maio de 1976, o associado vai viver para Serpa - terra natal de Elizabete - onde, sem trabalho, procura reconstruir a vida. Foram tempos difíceis, lembra, "onde tive apenas a ajuda da minha esposa". Depois das tentativas frustradas para entrar no quadro geral de adidos - organismo onde eram reintegrados os funcionários públicos do ultramar -, em instituições bancárias e ministérios, António Mesquita aventura-se num negócio por conta própria comprando um mini-mercado que duraria apenas dois anos, pois em Portugal viviam-se tempos de crise: "a inflação era tão grande que o lucro já nem chegava para comprar a mercadoria seguinte", recorda.

É nesta altura que conhece o actual patrão que o convida para trabalhar na escola de condução. Algum tempo depois, decide-se a tirar um curso de instrutor de condução automóvel no qual, para ser admitido, tem que fazer uma prova de circulação, que realiza sem qualquer problema. Seis meses mais tarde, termina o curso classificado em segundo lugar.

Ineficiência médica

No entanto, antes de lhe ser atribuída uma licença provisória, António Mesquita tem de fazer uma prova documental onde era pedido um atestado de robustez física. É aqui que os

problemas começam e aquilo que parecia fácil torna-se agora difícil. A fim de obter o documento, dirige-se à Delegação de Saúde de Serpa, onde o médico responsável se recusa a passar um atestado de robustez física a um deficiente, alegando que a deficiência de António Mesquita não lhe permitia ser instrutor de condução. "Foi a altura da minha vida em que me senti

mais deficiente", explica o agora instrutor acrescentando que "nem quis acreditar" quando o médico lhe recusou o atestado e, já a sorrir, conta que durante o curso lhe tinham pedido para pisar o pé do instrutor, para provar que tinha força na perna: "fi-lo com tanta força que ele até saltou".

Desiludido mas não vencido, António Mesquita vem a Lisboa para ou-

vir a opinião de outro médico. Dirige-se à Delegação de Saúde da capital onde o médico lhe diz que não havia problema nenhum em passar o atestado, "uma vez que a deficiência não era impeditiva da condução". O associado regressa a Serpa mais confiante das suas capacidades e, algum tempo depois consegue finalmente o atestado de robustez física. •

Apoiamos uma Agricultura Moderna e Competitiva

Consulte
os nossos Serviços
Estamos em todo o País



IFADAP

INSTITUTO DE FINANCIAMENTO E APOIO
AO DESENVOLVIMENTO DA AGRICULTURA E PISCAS

Muitas das cartas que chegam à Redacção do ELO são demasiado extensas. Agradecemos que, no futuro, os seus autores sejam o mais objectivos e sintéticos possível para que os textos possam ser publicados na íntegra. De outro modo, ver-nos-emos obrigados a publicar apenas o essencial das cartas, eliminando o que nos parecer menos importante, procedimento que pretenderíamos evitar a todo o custo, pois poderá ser interpretado como forma de censura. Escrevam sempre. Exponham os vossos pontos de vista, as vossas críticas, os vossos problemas, os vossos anseios, de forma objectiva, isenta e sem considerações a despropósito, mas esforcem-se por ser breves. O ELO agradece a vossa colaboração e poderá, deste modo, dar a palavra a maior número de associados.

Triste sorte

16 de Junho de 1997. No programa da jornalista Sr^a. Maria Elisa, da televisão do estado, que vai para o ar às segundas-feiras, uma vez mais me senti mal ao tomar conhecimento de determinados factos que a mim, pessoalmente, muito me preocupam.

Um jovem, com 29 anos, foi à Venezuela em viagem de trabalho. Neste país, meteu-se a bordo de um katamaran, desequilibrou-se, caiu à água, bateu com a cabeça no fundo de areia e ficou tetraplégico.

Fiquei comovido quando o José Orlando, assim se chama o jovem, contou tudo o que posteriormente ao acidente aconteceu, agradecendo à esposa todo o apoio que esta lhe tem dado, assim como aos familiares e amigos.

No entanto o José Orlando, aquando do acidente, não estava a trabalhar. Estava a gozar o que de bom a vida lhe podia dar. Foi esta a ideia com que fiquei daquilo que ouvi.

Mas tinha um Seguro de Vida, Seguro esse que, não lhe restituindo a saúde, pelo menos o alivia, financeiramente, no que diz respeito aos cuidados com a tragédia que lhe aconteceu.

Tinha um Seguro de Vida, repito, segundo o que ouvi.

Ao ouvir o José Orlando lembrei-me de outros jovens, mais novos do que ele - quase um milhão - que foram obrigados a viajar para Angola, Guiné e Moçambique, porque Salazar os ensinou, desde os bancos da escola primária, que Portugal era uno e indivisível.

E veio-me à ideia tanta coisa. Tanta coisa, meu Deus.

E os que perderam a vida em África? E aqueles, que mesmo não a perdendo, quase perderam a vontade de viver, porque não foram tão felizes, por não terem um seguro de vida?

E lembrei-me dos meus camaradas da maldita Guerra Colonial que estão esquecidos num qualquer hospital militar, em Lisboa, também agarrados a uma cadeira de rodas, mas sós, esquecidos do mundo, e do poder dito democrático.

Como acima disse, fiquei comovido com a fatalidade que bateu à porta do jovem José Orlando.

E os milhares de jovens, das décadas de 60 e 70, que ficaram com as carreiras profissionais destruídas, ficaram sem saúde para sempre, assim como aqueles que vivem num qualquer compartimento, de um qualquer hospital do Estado, desprezados, como se se tratasse de animais selvagens e perigosos?

Quem lhes faz um Seguro de Vida porque foram obrigados a viajar para África, afim de salvarem a tal Pátria una e indivisível?

Porque será que a Maria Elisa, e os Mários Elisas, que estão na televisão do Estado, não fazem programas de forma a que as gerações mais novas

saibam o que foi a repugnante Guerra Colonial que Salazar, e seus acólitos, tanto defendiam?

Porque quererão, tantos, branqueá-la?

Também éramos jovens, muitos de nós com um promissor futuro à nossa espera, e tudo, num ai, se desmoronou de repente.

Quem olha para os deficientes da Guerra Colonial que tudo perderam, e em especial para aqueles camaradas que estão encaixotados num local obscuro?

Afinal sempre é verdade; há portugueses de primeira, e portugueses de segunda...

Contudo, não quero acabar sem deixar de enviar um abraço solidário ao José Orlando, só que este, felizmente para ele, é um português de primeira.

Remígio Coelho
Sócio n.º 4332

Justiça nas reformas

Li com atenção a exposição, no ELO de Junho, do sócio Joaquim Vilela dos Santos onde, com clareza, apresentava um problema, como sendo seu mas que na realidade, como bem o diz, é o de muitos sócios.

O meu depoimento é idêntico e na verdade muitos haverá pelo que pedimos a sensibilidade desta Direcção da ADFA e também, muito especialmente, dos médicos que nos assistem.

Somos, hoje, pessoas com idades acima dos 50 anos, muitos iniciaram uma actividade laboral aos 12 anos e até antes, para na devida altura ingressarem no serviço militar e depois... África. Para nós deficientes e aqueles que ainda puderam, regressaram à sua actividade laboral, com todas as agravantes do seu estado de saúde e das limitações de cumprirem cabalmente as suas funções, vemo-nos, hoje, efectivamente com problemas sociais, por resolver, independentemente, dos anos de contribuições que se tenha efectuado.

Assim, queremos que esta Direcção e médicos tenham junto dos organismos competentes um papel esclarecedor destas situações e conseguir-se legislação, pelo menos idênticas, aos funcionários públicos, para que antes dos 65 anos se possa requerer a reforma.

António Matos Silva
Sócio n.º 7598

Tropa: um desabafo

Sou de uma geração sacrificada ao extremo... Apareço (anos 40) depois de finda uma Guerra Mundial, vivo uma infância agitada, suporte uma Guerra Colonial na juventude, tento criar uma família equilibrada mas não me deixam, ora são as guerras mesquinhas, ora são as drogas, ora são os desenrascos, ora são os racismos, ora são as espertezas "saloiás"...

Tentamos criar os homens no seu ambiente mas não nos deixam... "Valores mais Altos se levantam"!!...

Acordei jovem e com grande vontade de vingar na vida (como todos os jovens de hoje).

Com o apoio financeiro e de experiência dos mais velhos e dos meus "erros" (desde que não se prejudiquem os outros), fui aprendendo as lições do viver.

Ainda não havia televisão, computadores e boites. A distração passava

pelo café (bilhares e matraquilhos) e pelas sociedades de cultura e recreio (bailes e festas), locais onde o estudo e a cultura eram assimilados. Malandricas e pouco juízo fazem parte da tenra idade. A escola e a cultura da vida aprendiam-se com a velocidade normal e paciente de quem espera um futuro consolidado. De repente, a tropa destruiu tudo o que de mais belo poderíamos esperar. Realidade dura e cruel de que não nos apercebíamos devido à inconsciência própria da juventude. Escola, amizade, família e futuro, tudo seria menosprezado... "Valores mais Altos se levantavam"!!...

A rapaziada teria que ir fazer as guerras que os ditos "Senhores de Guerra" já não tinham capacidade de salvar. Foi preciso salvar os interesses daqueles que não "davam a cara"!

Os senhores faziam a guerra (comissões e mais comissões) e a rapaziada dava a "carne". Iludidos, sem alternativa, "embarcámos aos milhares" na linguagem nua e crua da "carne para canhão"!!...

Na ignorância e na rapacidade do desconhecido, a juventude dos anos 60 foi arrastada voluntariamente/obrigada a integrar os quadros das forças ditas militares. Na alternativa à fuga para terras desconhecidas foram "embarcados" para a tropa, local de convívio e "instituição de virtudes", diz-se, onde nos tornávamos homens?!!...

Fabricavam-se, em seis meses, milhares de "especialistas" da guerra, cuja intenção era só de ver passar os dias até à peluda e verificar se estávamos "inteiros"...

Claro está, que grande parte não o conseguiu...

A irreverência, o descuido, a impropriedade e o ambiente hostil eram por

demais evidentes.

Para os "Senhores da Guerra" eram números e só números... Faziam-se estatísticas e entregavam-se medalhas no 10 de Junho... O sofrimento, o sobressalto, a incerteza dos familiares foram e continuam, ainda hoje, a ser abafados... por todos, intervenientes ou não. Tornou-se, a Guerra Colonial, um tabu... que serve aos oportunistas e aos políticos...

A Moçambique fui parar de 70 a 72 e só por algum "milagre" regresssei pois fui ferido numa emboscada com alguma gravidade. Outros, a meu lado, não o podem dizer ou escrever...

Alguém disse: "Não há machado que corte a raiz ao pensamento"... Com todos os testemunhos possíveis, da vivência do dia-a-dia, dar coisas boas e más, talvez, algum dia, se possa reunir num livro esta experiência única por que todos passamos... Fica a ideia.

José Fernandes
Sócio n.º 6800

Esquecidos até em casa

Comemorou-se no passado dia 24 de Junho de 1997 o 26º Aniversário da criação do Lar Militar da Cruz Vermelha.

Fica aqui mesmo ao lado da Associação, mas...tão longe.

Passo a explicar.

A ADFA foi convidada e fez-se representar na pessoa do seu Presidente da DN. Igual convite foi feito ao representante da ADFA no Conselho Consultivo do Lar Militar que também esteve presente.

Houve uma missa, alusiva ao martírio de S. João;

Aconteceu uma cerimónia de lem-

brança do que se tem feito no Lar e entrega de condecorações da Cruz Vermelha a dois militares que por certo as mereciam.

O côro da Cruz Vermelha ajudou, e foi bonito, à celebração da Eucaristia.

Aconteceu de seguida um almoço que se pretendia ser convívio. E foi. Para alguns. Para os que se podiam deslocar com facilidade até aos assadores de sardinhas, febras e frango.

Para os que, institucionalmente sentados, eram servidos à mesa.

Para os que habitualmente ajudam os utentes a comer e a beber e nesse dia se esqueceram das suas obrigações.

Enfim, foi uma festa.

Só uma coisa a estragar.

Os utentes, deficientes profundos, razão da existência daquele espaço cuja efeméride se comemorava.

Os deficientes que assistiram à missa encostados ao fundo da Igreja, encostados uns aos outros como que com medo. Ou com raiva. Afinal aquela era a sua casa e não das outras distintas personalidades presentes.

Quem conviveu com os Deficientes?

Quem se lembrou que eles lá estavam?

Sócio devidamente identificado

NOTA DA REDACÇÃO - O ELO agradece que os autores da carta cujo remetente é "Sargentos DFA residentes nos subúrbios de Lisboa" se identifiquem, a fim de se proceder à sua publicação. Se for exigido anonimato o texto não sairá assinado (caso da carta "Esquecidos até em casa" publicada nesta página), no entanto, por motivos óbvios - e tal como acontece em qualquer jornal - não podemos publicar textos anónimos.

FOTO DO LEITOR



A fotografia deste mês foi enviada por Maria Vascelos de Sousa, esposa do associado Ernesto Duarte de Sousa, que quis fazer uma surpresa ao marido para quem, segundo conta, o ELO "tem um grande significado". A Redacção do jornal elegeu esta foto para publicação, não só pela motivação da esposa do associado, mas também pelo conteúdo da imagem em si. É que, de acordo com o que Maria Vascelos de Sousa conta na carta que acompanha a fotografia, além dos horrores da guerra, o marido recorda com frequência as crianças e a miséria permanente que se vivia na Guiné, local onde combateu inserido na 38ª Companhia de Comandos. Tal como tem acontecido com as fotografias publicadas nesta secção em edições anteriores o associado, neste caso o casal, receberá o livro "As berreiras invisíveis da integração" sobre a temática da deficiência.

Vende-se casa para deficientes

R/C 3 assoalhadas
2 Quartos; 1WC;
1 cozinha c/despensa;
1 Arrecadação individual

Área total aproximada: 100 m²
Localizada em Ramada - Odiveelas
Telefone: (01) 932 65 80

Preço de venda: 15 mil contos

Espírito de corpo

TEMPOS HOUVE em que era importante ter presente que na ausência de tal espírito éramos presa fácil ou, como quem diz, podíamos ser liquidados. Fisicamente muitas das vezes, moral ou psiquicamente muitas mais.

E agora, a que propósito vem este arrazoado, passados que são mais de vinte anos depois que nós, ex-combatentes, colocámos uma flor no cano da espingarda? O que está a acontecer é que estamos a ficar desatentos, estamos a abrir brechas, em termos pessoais e associativos e vamos, ao que parece com alguma alegria, dando trunfos "ao inimigo" que nem precisa fazer grande esforço para nos ir liquidando.

É óbvio que, como em tudo na vida, haverá sempre os que imitando a avestruz enfiam a dita na areia e fingem que tudo vai bem. Mas não vai. Vejamos: Quando os feridos em combate continuam a ser maltratados nos Hospitais Militares; Quando o Governo vai legislando avulsamente - Capitães-Coronéis - esquecendo aqueles associados que pouco ou quase nada recebendo ainda, continuam sem ver resolvidos os seus mais que justos anseios; Quando decorridos todos estes anos ainda há "homens nossos" nas instalações do Anexo, onde pára o espírito de corpo?; Quando ainda continuamos a esconder a realidade do Stress de Guerra, só porque alguém está muito preocupado com o dinheiro que eventualmente será necessário despendido para reparar as misérias de vida em que se encontram esses nossos associados; Quando alguns dos associados da nossa ADFA se entretêm a consumir energias



Hugo Guerra

em reuniões de maldizer, e não se dignam confrontar os dirigentes da casa, que sua também é, em sede própria nas reuniões mensais promovidas pela Direcção, ou até convocando o Conselho Nacional ou comparecendo e questionando nas Assembleias Gerais; Quando se continua a pretender nivelar por baixo, alardeando o mau trabalho produzido por uns quantos, em contrapartida ao que de esplêndido outros são capazes, onde pára o espírito de corpo?; Quando se continua a dar ao Governo o que de mais precioso ele quer, ou seja, tempo calmo incutindo na massa

associativa a sensação que tudo se vai resolver; Quando continuamos a alinhar com os caciquismos praticados em algumas delegações e que poderão conduzir a curto prazo para um efectivo desmembramento do todo associativo; Quando continuamos a fazer de conta que não percebemos o que está a emperrar a dinâmica associativa, sabido que em democracia deve governar quem foi eleito, sem obstruções sistemáticas, mais ou menos veladas por parte daqueles que sendo embora associados são também trabalhadores pagos por todos; Quando arrogantemente tomamos decisões de vulto, sem atendermos a opinião ou parecer que não seja coincidente com o nosso; Quando...sei lá. Onde pára o espírito de corpo? Não pretendo ficar sem leitores logo na primeira vez que ao fim de vários anos volto a escrever no ELO, daí que me pareça melhor ficar hoje por aqui, com a esperança de que a mensagem tenha servido ao menos para alguma reflexão e alguns cumpridos para os mais nervosos e exaltados. •

Mexer no hino? Nem pensar!

OS MEIOS político e cultural, porque não dizê-lo, o próprio País, foram abalados, na manhã do "10 de Junho", aquando da cerimónia comemorativa do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades. O respectivo comissário, com a legitimidade que a democracia lhe confere, propunha a alteração do Hino Nacional porque, no seu entender, a sua música é pobre e a letra, designadamente na parte final, ao apelar às armas e a marchar contra os canhões, exorta a um sentimento bélico desajustado no tempo e incompreensível para a actual e futuras gerações de jovens.

Para já, seja-me permitido discordar da propalada pobreza musical de que se reveste o símbolo nacional que é o Hino. De todos os que conheço, e são bastantes, o meu ouvido e conhecimento musicais não o colocando no primeiro lugar do «ranking», localizam-no entre os que melhor combinam letra e musicalidade, atendendo à função mobilizadora de um povo e aglutinadora em torno de uma cultura e tradição colectivas. Não quero fazer comparação com a «Marselhesa», um hino de reconhecido valor musical e que incita, também ele, os cidadãos às armas, sem que os franceses, que o cantam há algo mais de duzentos anos, tenham tido ideia ou vontade de o alterar ou substituir.

A parte da letra posta em causa adequa-se, penso, à realidade dos dias de hoje. Neste Portugal que sempre foi mais missionário que guerreiro, que levou cruz para onde outros, depois, transportaram enxadas, que pegou em armas quando a sua independência perigou, pesem contudo os disparates bélicos cometidos, numa nação assim, de índole eminentemente humanista, as "armas" de agora são outras! Hodiernamente, elas consubstanciam-se no diálogo, na tolerância, no democrático confronto de ideias e na solidariedade internacional, no avançado sentimento de que o mundo se constituiu em pequena aldeia global, um espaço de concórdia entre todos os homens, sem discriminação de cor, raça, credo, sexo ou origem socio-económica.

Tais armas, as únicas eficazes contra os canhões, mais destruidores que os que vomitam fogo, no final do segundo milénio da era cristã, são os obstinadamente persistentes obscurantismo, racismo, xenofobia, droga e toda a forma de segregação e exclusão sociais.

É urgente que se conquistem os jovens para a utilização daquelas armas contra estes canhões, que estão a destruir e minar as relações entre as comunidades humanas e a corroer a igualdade de oportunidades, para o estabelecimento do equilíbrio e bem estar a que

têm direito a aceder todos os homens.

Cabe aos intelectuais e promotores do ensino a responsabilidade de ganharem as novas gerações para o manejo das armas e a marcha contra os canhões, que se configuram como as bestas destruidoras de civilizações e sociedades. Ninguém dúvida que os jovens, bem informados tomarão com gosto, e como sua, esta nova batalha cultural, que tem como pano de fundo a paz e a concórdia universais.

Num momento e num país em que já nada é motivador para os portugueses, passado histórico, reivindicações sindicais e até o futebol, permita-nos Dr. Alcáda Baptista que, pelo menos, o hino nacional nos apele à mobilização colectiva e seja um elemento de coesão e referência para que, integrados nos espaços diversos de índole económica ou geo-estratégica, tenhamos orgulho da nossa história, cultura e identidade própria.

Não quero acreditar no alvitre dos mais pessimistas, ao defenderem que, após a perda da nossa nobreza na batalha de Alcácer Quibir, simultânea com a morte de Camões, ainda não foi reposto, quatro séculos volvidos, o nível de intelectualidade e cultura, de que o País gozava nos finais dos anos de quinhentos. •
Patuleia Mendes

ELO HÁ 22 ANOS

Delegações

VAMOS COMEÇAR a trabalhar num assunto que de há muito deveria de estar desenvolvido.

Mas, o arrumar da casa, com todos os problemas que se depa-raram, têm canalizado todo o nosso esforço e potencial humano no sentido de criar estruturas sólidas na sede, de molde a que as mesmas aguentem o impacto que as futuras delegações, irão trazer.

Contamos, isso sim, com a boa vontade e o espírito incansável de alguns camaradas que das mais distantes localidades nos vão dando conta da ansiedade que existe em formar delegações da ADFA por todo o País.

Entretanto passando a factos concretos temos já a funcionar a nossa Delegação do Porto, na rua Pedro Hispano, nº 1105 (antigas instalações da L.P.) e cuja Comissão Directiva Provisória já empossada é constituída pelos seguintes associados:

José dos Santos Rodrigues Teixeira, Joaquim Francisco Couceiro Ferreira, Joaquim Mano Póvoas, Amadeu Artur Felgueiras, José Luís Rodrigues de Noronha e Manuel António Ramos Ferreira.

A delegação tem já alguns trabalhadores e está apta a desenvolver trabalho junto dos camaradas deficientes do Norte.

As instalações do Porto estão em franco desenvolvimento e contam já com um bar, sala de convívio, televisão, biblioteca e sala de reuniões onde se espera a presença de todos os camaradas em força.

Camarada, a tua presença e a tua força são indispensáveis! Aparece.

Em Viseu temos uma comissão instaladora constituída pelos seguintes camaradas:

Almiro Pais Correia, Manuel Clemente dos Santos e António Loureiro dos Santos.

A delegação está instalada na rua Miguel Bombarda, nº 106, com o telefone nº 22405. Tem já um deficiente como trabalhador que fará a inscrição de todos os camaradas do distrito de Viseu.

Em Bragança vamos arrancar com uma Comissão Instaladora eleita no decorrer de uma sessão de esclarecimento levada a efeito no passado dia 22 de Junho.

É a seguinte a sua constituição:

Francisco Rodrigo Afonso, Olímpio Sebastião Ferreira e Gilberto Espírito Santo Martins.

A delegação já está instalada no rés do chão do prédio onde funciona a Comissão Liquidatária do Grémio da Lavoura.

O telefone de que se servem é o 109 de Bragança e está instalado na Rua 1º de Dezembro, 8 e também já conta com um trabalhador deficiente.

No próximo número daremos mais informações sobre os Núcleos de Peniche, Comissão Instaladora de Castelo Branco, etc. (In ELO nº13 - Julho de 1975)



«CENTRO MÉDICO AMATUS LUSITANUS»

URGÊNCIAS DENTÁRIAS & SERVIÇO MÉDICO PERMANENTE

Linda-a-Velha (01) 414 69 90 Lagos (082) 764189
 Algés (01) 411 46 66 Castelo Branco (072) 321129
 Pinhal Novo (01) 2381694 Ambul. Tagus (01) 4784333

Convenções com ADMG, ADME, ADSE, CGD, CTT, CABLESA, EDP, MJ, SAMS (outros ex.Marconi, Telecom)
 Atendimento privilegiado aos sócios da ADFA e reformados

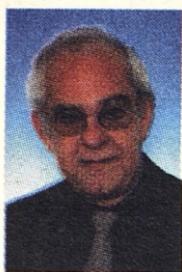
Aberto aos sábados, domingos e feriados

TAGUS AMBULÂNCIAS

Protocolo ADFA ADM's

A qualidade de um serviço moderno, eficiente e personalizado à disposição dos associados da ADFA.

(01) 478 43 33 FAX (01) 478 43 34
 Praceta das Descobertas, Ltº 9, Loja B-Paiá
 1675 PONTINHA



Deixa-me entrar na minha casa?

Carlos Pinto Coelho

Terei eu exagerado, ao chamar a polícia chegou, dez minutos depois. Ainda a tempo de ver exactamente o que eu queria que ela visse: um automóvel autoritariamente estacionado, a bloquear por completo a entrada do prédio que habito e onde vivem mais sete famílias. Pois bem, chamei a polícia porque, justamente, nessa noite esperava para jantar um amigo que é deficiente cerebral profundo e, naturalmente, vive amarrado à sua cadeira de rodas. Ora aquele soberbo carro proibida, pura e simplesmente, a circulação de um cidadão muito bem disposto, mas que tem o azar de viver numa cadeira de rodas. O que aconteceu? Pois apenas uma conversa muito cortês e cordial. Os polícias fizeram uma consulta pela rádio e descobriram que o veículo pertencia à senhora Y, acharam que eu estava cheio de razão e razões mas não podiam fazer rigorosamente coisa alguma porque não havia uma placa redonda sobre a porta do prédio, e blá-blá-blá, e foram-se embora polidamente. Deixando-me na rua, de dentes cerrados e a maior das vergonhas na alma. O resto é fácil de adivinhar, o meu amigo chegou e foi um festival de imaginação e força de braços de uns tantos, para erguer acima do tejadilho do tal carro, através da fresta entre o automóvel vizinho, como se levantássemos o triste andor de um santo, o magnífico altar de um buda ou o esplendoroso praticável carnavalesco de uma esplêndida mulata brasileira. Lembro-me de que nos rimos muito, depois jantámos como se nada se tivesse passado (o meu amigo lá disse que os portugueses são como são, etc, etc.) e preparámo-nos para uma segunda sessão de espectáculo, à saída. Que não existiu. A tal senhora Y já se tinha ido embora, e o caminho estava livre. Desde então, e já se passaram uns meses, vejo com frequência os bem educados portugueses da minha rua estacionarem os seus carros com os focinhos diante das entradas de prédios, às vezes tão próximos dos carros vizinhos que não entendendo como conseguiram abrir a porta para sair. E vem-me sempre o tal cerrar dos dentes e a mesma vergonha na alma. Ora como a vida não se muda com raivas nem lamúrias, ando comigo a pensar que é tempo de inventarmos um pequeno autocolante para pespegar nos vidros dos carros insolentes. Esse autocolante teria um desenho (e eu não sei desenhar um risco) com três elementos: a fachada de um prédio, um carro a barrar-lhe o acesso e um paraplégico em cadeira de rodas. até aqui, está tudo certo na minha cabeça. Onde crescem as minhas dúvidas, é no seguinte:

a) Mostra-se o impotente cidadão a fazer um magno manguito carregado de pragas? Arranja-se-lhe uma tenda para dormir beatificamente na rua? Desenha-se-lhe uma figura com os braços para o céu, enquanto chovem anjinhos que o erguem em apoteose redentora? Não sei ainda.

b) E que diz esse autocolante? Um gentil "Obrigado, não consegui entrar na minha casa. Volte sempre!" ou um seco "Venha sentar-se na minha cadeira de rodas enquanto vou arrumar o seu automóvel!" ou antes um "Este carro está mal estacionado aqui, ou é o seu dono que está mal estacionado na vida?" Também ainda não decidi. Não sei, repito, se não terei exagerado em chamar a polícia na tal noite. Talvez não. Ela não fez rigorosamente nada, mas sempre me deu esta ideia dos autocolantes. Pelo que acho que vou escrever uma crónica para o ELO, convidando caricaturistas a desenharem a cena. Depois, há-de arranjar-se quem imprima e distribua. E depois talvez se respire um pouco mais decência em Portugal. •



DIRECTOR: António Carreiro
 PROPRIEDADE: Associação dos Deficientes das Forças Armadas
 Administração e Redacção: Av. Padre Cruz - Edifício ADFA 1600 - Lisboa
 Telefone: 01 7570502 Fax 01 7571319



Assinado protocolo entre Associação e Petrolgal

Gasolina desce para sócios da ADFA

JÁ FOI assinado o protocolo entre a ADFA e a empresa gasoleira Petrolgal que dá aos associados e familiares, através de um sistema de cartão tipo multibanco, um desconto de quatro escudos por litro, em qualquer combustível, nos postos de abastecimento GALP. O cartão GALP/ADFA, além do desconto no combustível permite ainda o pagamento a crédito do abastecimento.

O novo sistema destina-se a todos os sócios que tenham as quotas em dia, bastando aos interessados preencher um contrato de adesão, denominado "Cartão GALP Frota/ADFA". Cerca de três semanas após ter efectuado o pedido, o cartão será enviado pelo correio para casa do associado, que deverá acusar a sua recepção no sentido de lhe ser também enviado o respectivo código de utilização; visto o sistema funcionar tipo multibanco: para cada transacção, o utilizador tem que inserir um código pessoal e intransmissível.

A Direcção Nacional da ADFA optou pela Petrolgal "por ser a gasoleira com mais postos de abastecimento espalhados em todo o país", e, embora nesta fase inicial o cartão só possa ser

utilizado no continente, a GALP está já a preparar os postos nas ilhas dos Açores e Madeira no sentido de, a curto prazo, o pagamento ser efectuado por cartão, coisa que até aqui não era possível, nem com multibancos nem com outro tipo de cartões convencionais.



Com um limite de 200 litros por mês, o novo sistema funcionará através da Caixa Geral de Depósitos, entidade bancária que mensalmente retirará da conta dos associados

o valor correspondente ao montante de combustível abastecido no mês anterior, ou seja, a quantia gasta pelo utilizador, por exemplo, em Agosto só será paga na primeira semana de Setembro. Para evitar possíveis erros, todo o processo de débito será informático e passará primeiro pela GALP, que enviará uma disquete com os dados para a Associação que, por sua vez, depois de confirmar o conteúdo, a remeterá para a Caixa Geral de Depósitos. A secretaria, na Sede da ADFA, tem já neste momento disponível os contratos de adesão para os interessados em aderir ao sistema. • M.M.

Alterações legislativas

Dois projectos de decreto-lei sobre a situação dos deficientes em serviço e sobre a constituição das juntas médicas da Caixa Geral de Aposentações para efeitos de atribuição de pensões a estes deficientes, foram entregues à ADFA - para parecer - na terceira reunião do Conselho Consultivo para os Assuntos dos Deficientes das Forças Armadas (CCADFA), dia 18 de Junho.

Os projectos apresentados pelo Ministério da Defesa Nacional (MDN) contêm importantes alterações legislativas para a situação dos deficientes em serviço e constituição de juntas médicas, como por exemplo: acumulação da pensão de invalidez - com vencimento do cargo - com a pensão de aposentação (os deficientes em serviço já aposentados que tiveram de optar por uma das pensões, poderão agora requerer a alteração); exercício de funções públicas sem autorização prévia do primeiro ministro; transmissão de pensões, em caso de morte, aos herdeiros directos; constituição de juntas médicas mistas.

No entanto, apesar da ADFA considerar os projectos de diplomas "globalmente positivos". A Associação discorda de algumas das soluções apresentadas. Numa carta enviada ao secretário de Estado da Defesa, José Júlio Pereira Gomes, (a que o ELO teve acesso) a ADFA explica que as soluções propostas não estão "de acordo com as solicitações e com as expectativas entretanto criadas".

A principal divergência entre a ADFA e o MDN tem a ver com a fórmula encontrada para a acumulação de pensões. Os mesmos dirigentes consideram também que no cálculo da pensão de aposentação "deverá ser englobado, pelo menos, o tempo de serviço antes do ingresso no serviço militar obrigatório". A ADFA reclama ainda o "direito das viúvas dos deficientes à abertura, ou reabertura, dos processos para acesso à pensão de sobrevivência".

Para analisar as alterações propostas, a ADFA solicitou ao MDN, no dia 30 de Junho, uma reunião extraordinária do CCADFA. •

Serviços ineficientes

Falar sobre a situação dos serviços médicos do Hospital Militar Principal (HMP) foi o principal objectivo da reunião entre o director do HMP, Pedro Jacomo, e responsáveis da Associação. A ADFA considera que "face à degradação geral dos serviços médicos" são necessárias "medidas urgentes" que acabem como "caos" que actualmente se vive nesses serviços.

O facto das consultas terem um tempo de espera que ronda os sete meses; o não respeito da prioridade no atendimento dos Grandes Deficientes quando da marcação de consultas para a sua deficiência e a não existência de enfermarias separadas para deficientes militares e praças foram algumas das questões apresentadas pela ADFA ao director do HMP. •

TODAS AS RAZÕES

para nos visitar...

Todos os modelos disponíveis



Atendimento personalizado



Técnicos especializados



... E MAIS ALGUMAS!

Temos preços excepcionais para Si que é associado da ADFA



Contactos:
 Rosário Jorge Telf.: 8 36 14 00
 TM: 0931 25 50 23
 Alberto Pinto Telf.: 7 57 05 83
 TM: 0931 26 61 53

